

**O DOENTE IMAGINÁRIO**

*MOLIÈRE*

## PERSONAGENS

### *Da comédia:*

**ARGAN**, doente imaginário

**BELINHA**, segunda mulher de Argan

**LUIZINHA**, filha de Argan e irmã de Angélica

**BERALDO**, irmão de Argan

**CLEANTO**, namorado de Angélica

**DOUTOR BOAMORTE**, médico

**TOMÁS BOAMORTE**, seu filho, apaixonado por Angélica

**DOUTOR PURGON**, médico de Argan

**FLORINDO**, farmacêutico

**BOAFÉ**, tabelião

**TONINHA**, criada

### *Dos entremezes:*

#### *No Primeiro Ato:*

**POLICHINELO**

**UMA VELHA**

**VIOLINOS**

**AUQUEIROS**, cantores e bailarinos

#### *No Segundo Ato:*

**QUATRO EGÍPCIAS**, bailarinas

**EGÍPCIOS E EGÍPCIAS**, cantores e bailarinos

#### *No Terceiro Ato*

**TAPECEIROS**, bailarinos

**O PRESIDENTE DA FACULDADE DE MEDICINA**

**DOUTORES**

**ARGAN**, doutorando

**FARMACÊUTICOS**, com seus almofarifes e pilões

**PORTA-SERINGAS**

**CIRURGIÕES**

#### *No Prólogo*

**FLORA; DOIS ZÉFIROS; CLIMENE; DAFNE; TIRSES** (*amoroso de CLIMENE e chefe de um grupo de PASTORES;*) **DORILAS** (*amoroso de DAFNE e chefe de um grupo de PASTORES*), **PÃ, FAUNOS** (*bailarinos*)

( *cena em Paris, 1673* )

### **PRÓLOGO**

UMA PASTORA (*cantando*)

Vosso vasto saber não passa de quimera,  
Doutores de armas assassinas,  
Vós não podeis curar, com palavras latinas,  
A dor que me desespera.

Vosso vasto saber não passa de quimera.

Ai! Ai! Não ousou confessar  
O amor que tanto me maltrata.  
A esse pastor por quem se mata  
Meu coração de tanto amar.  
É amor pra nunca se acabar.

Doutores charlatães, vós não sabeis curar  
Meu mal; vosso saber é uma pura quimera!  
Os remédios que usais e que a ralé vulgar  
Crê que vós conheceis pela santa virtude,  
Para o meu mal não têm nada de salutar;  
Se algum vosso doente esse saber ilude  
Só pode ser doente imaginário!  
Doutores charlatães, vosso saber precário  
É mentira que faz muito mal à saúde!

*( muda-se o cenário, que passa a representar um quarto)*

## **Primeiro Ato**

### **CENA I**

ARGAN *(sentado à mesa, contando com fichas as contas do seu farmacêutico)*

Três e dois cinco, e cinco dez, e dez vinte; três e dois cinco. “Mais, dia vinte e quatro: um clisterzinho preparativo e remexedor, para amolecer, umidificar e refrescar as entranhas do prezado senhor”. O que me agrada no Senhor Florindo, meu farmacêutico, é que suas receitas são muito bem educadas. “As entranhas do prezado senhor, trinta soldos.” Muito bem; mas, Senhor Florindo, não basta ser bem-educado; é preciso ser razoável e não escorchar os doentes! Trinta soldos por uma lavagem! Já lhe agradei e repito: muito obrigado; noutras contas a lavagem custava vinte soldos; e vinte soldos, em língua de farmacêutico, quer dizer dez soldos. Aqui estão: dez soldos. “Mais, no mesmo dia, um bom clister detergente, composto de católicon duplo, ruibarbo, mel rosado, e outras especiarias, conforme a receita, para varrer, lavar e limpar o baixo-ventre do prezado senhor, trinta soldos.” Com sua licença: dez soldos. “Mais, no mesmo dia, à tarde: um xarope hepático, supurativo e sonífero, composto para fazer dormir o prezado senhor, trinta e cinco soldos.” Não me queixo deste, que realmente me fez dormir. Dez, quinze, dezesseis, dezessete soldos e seis dinheiros. “Mais, dia vinte e cinco: um bom medicamento purgativo e corroborativo, composto de acácia recente com a dita levantina, e outras especiarias, conforme a receita do Doutor Purgon, para expulsar e evacuar a bile do prezado senhor, quatro libras.” Ah, Senhor Florindo! Isto é zombaria! É preciso viver com os doentes! O Doutor Purgon não lhe ordenou que lançasse quatro francos. Vamos, vamos, ponha três libras, faça o favor! Vinte e cinco soldos. “Mais, no mesmo dia, uma poção anódina e adstringente, para fazer repousar o prezado senhor, trinta soldos.” Coloquemos quinze soldos. “Mais, dia vinte e seis: um clister carminativo, para expelir os ventos do prezado senhor, trinta soldos.” Dez soldos, Senhor Florindo. “Mais o mesmo clister do senhor, reiterado à noite, como acima: trinta soldos.” Senhor Florindo: dez soldos. “Mais, dia vinte e sete: um bom medicamento composto especialmente para sustar e expulsar para fora os maus humores do

prezado senhor, três libras.” Sejam: vinte e trinta soldos: fico contente se o senhor é razoável. “Mais, dia vinte e oito: um clisterzinho de leite clareado e edulcorado, para adoçar, lenificar, temperar e refrescar o sangue do prezado senhor, vinte soldos.” Sejam: dez soldos. “Mais uma poção cordial e preservativa, composta de doze grãos de benzoato, xarope de limão, granadas e outras especiarias, conforme a receita, cinco libras.” “Ah, Senhor Florindo, devagar, por favor; se o senhor continua assim, ninguém mais quererá ficar doente: contente-se com quatro francos, vinte e cinco e quarenta soldos. Três e dois cinco, e cinco dez, e dez são vinte. Sessenta e três libras, quatro soldos e seis dinheiros. Assim sendo, durante este mês eu tomei um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito remédios; e um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze clisteres; e no mês passado foram doze remédios e vinte lavagens, O que me espanta é que não passo tão bem este mês quanto no outro. Bom, levem tudo daqui. *(Vendo que não aparece ninguém e que não há ninguém no quarto)* Ninguém! Estou cansado de dizer: me deixam sempre sozinho! *(Depois de tocar uma sineta que se encontra em cima da mesa)* Não escutam nada; e minha campainha não é bastante barulhenta! Drilin, drilin, drilin. Estão surdos! Toninha! Drilin, drilin, drilin! Como se eu não estivesse tocando! Sua cachorra! Sua velhaca! Drilin, drilin, drilin! Vou arreentar! *(não toca mais, grita)* Drilin, drilin, drilin! Velha carcaça! Com mil demônios! Será possível que deixem sozinho um pobre doente como eu? Drilin, drilin, drilin! Ah, meu Deus! Vão me deixar morrer! Drilin, drilin, drilin!

## CENA II

*Argan, Toninha*

TONINHA *(entrando)*

Já vai!

ARGAN

Ah, cachorra! Ah, carcaça!

TONINHA *(finge que bateu com a cabeça)*

Que o diabo leve a sua impaciência! O senhor apressa tanto a gente que acabei batendo com a cabeça na janela.

ARGAN *(colérico)*

Ah, traidora!

TONINHIA *(interrompendo Argan)*

Ah!

ARGAN

Há mais...

TONINHA

Ah!

ARGAN

Há mais de uma hora...

TONINHA

Ah!

ARGAN

Há mais de uma hora você me deixou...

TONINHA

Ah!

ARGAN

Cale-se, velhaca, e deixe que eu estirile!

TONINHA

Que me importam seus estrilos quando estou vendo estrelas?!

ARGAN

Estou aqui esgoelando, carcaça!

TONINHA

O senhor quebra a goela e eu quebro a cabeça! Estamos quites!

ARGAN

Como é, velhaca?

TONINHA

Se o senhor se zanga, eu choro.

ARGAN

Você me deixou, traidora...

TONINHA (*interrompendo Argan ainda uma vez*)

Ah!

ARGAN

Cachorra! Você quer...

TONINHA

Ah!

ARGAN

E ainda por cima de não tenho nem mesmo o prazer de estrilar?

TONINHA

Estrile à vontade, vamos!

ARGAN

Você não me deixa estrilar porque me interrompe!

TONINHA

Se o senhor tem prazer em estrilar, eu tenho prazer de chorar! Cada um faça o que lhe agrade, e é bastante! Ah!

ARGAN

Vamos, desisto! Tire tudo isto daqui! Vamos, velhaca, tire tudo isto daqui! (*levanta-se*) Minha lavagem de hoje fez bastante efeito?

TONINHA

Sua lavagem?

ARGAN

É! Deitei muita bile?

TONINHA

Deus me livre de me meter nos seus efeitos! O Doutor Florindo é quem deve meter o nariz lá dentro, já que ganha para isto!

ARGAN

Que tenham pronta a água quente, para a outra que devo tomar daqui a pouco.

TONIHA

O Doutor Florindo e o Doutor Purgon ordenham de Vosmecê o que querem! Para eles Vosmecê é uma vaca leiteira! Eu gostaria bem de perguntar a eles o que é que afinal o senhor tem, pra tomar tanto remédio!

ARGAN

Cale-se, ignorante! Não é você quem deve controlar receitas médicas! Chame minha filha Angélica: preciso dizer-lhe umas tantas coisas.

TONINHA

Pois aí vem ela: adivinhou seu pensamento.

### CENA III

*Argan, Angélica, Toninha*

ARGAN

Venha cá, Angélica. Você chega a propósito. Eu queria falar com você.

ANGÉLICA

Estou pronta para ouvir.

ARGAN

Espere! (*a Toninha*) Me dê a bengala. Já volto já.

TONINHA

Depressa, senhor, depressa! As flores do Doutor Florindo podem nascer fora do canteiro!

### CENA IV

*Angélica, Toninha*

ANGÉLICA

Toninha!

TONINHA

Diga!

ANGÉLICA

Olhe um pouco para mim.

TONINHA

Estou olhando.

ANGÉLICA

Toninha...

TONINHA

Sim, Angélica, estou aqui... Fale.

ANGÉLICA

Será que não adivinha do que eu quero falar?

TONINHA

Estou farta de adivinhar: do namorado. Há seis dias você não fala de outra coisa comigo. E vai sentir-se mal, se não falar imediatamente.

ANGÉLICA

Pois se você sabe, não é a primeira a falar? Então por que não me poupa o trabalho de falar primeiro?

TONINHA

Você não me dá nem tempo! E tem sempre caraminholas na cabeça...

ANGÉLICA

Confesso que nunca me cansaria de falar nele; e meu coração aproveita todos os momentos para se abrir a você. Por favor, me diga, Toninha: você condena o que eu sinto por ele?

TONINHA

Deus me livre!

ANGÉLICA

Faço mal quando me abandono às minhas doces impressões?

TONINHA

Não digo tanto.

ANGÉLICA

E gostaria você que eu fosse insensível aos meigos protestos dessa paixão ardente que demonstra por mim?

TONINHA

Praza aos céus!

ANGÉLICA

Diga-me: não acha que há qualquer coisa que vem do céu, alguma ordem do destino, nessa inesperada aventura de nos conhecermos?

TONINHA

Acho que sim.

ANGÉLICA

Não acha que o fato de tomar minha defesa, sem me conhecer, é coisa de homem de bem?

TONINHA

Acho que sim.

ANGÉLICA

Que ninguém poderia fazê-lo com maior generosidade?

TONINHA

Acho que sim.

ANGÉLICA

E que ele fez tudo isto com a maior bondade do mundo?

TONINHA

Acho que acho.

ANGÉLICA

E não acha que ele é uma beleza?

TONINHA

Acho que você acha.

ANGÉLICA

E que ele tem um ar que ninguém mais acha?

TONINHA

Acho que você acha que eu acho.

ANGÉLICA

Que tudo que ele *diz* e tudo que faz tem alguma coisa de nobre?

TONINHA

Ele acha que você acha.

ANGÉLICA

E que não há nada mais apaixonante do que tudo que ele diz?

TONINHA

Eu acho que ele acha que nós achamos.

ANGÉLICA

E que não há nada de mais aborrecido do que o constrangimento a que estou presa, que amordaça todo o comércio dos doces impulsos desse amor mútuo que o céu nos inspira?

TONINHA

Quando você tem razão fala tão bonito!

ANGÉLICA

Mas, minha querida Toninha, você acha que ele me ama tanto quanto diz?

TONINHA

Bom, estas coisas devem merecer cautela. As caretas do amor se parecem muito com a verdade. Nesta matéria já vi grandes comediantes.



ANGÉLICA

Ah, Toninha, que foi que você disse? Pelo modo como ele fala, será possível que não me diga a verdade?

TONINHA

De qualquer modo, você acabará aprendendo. E a resolução que ele tomou ontem, quando escreveu a você, de pedir sua mão em casamento, é o caminho para mostrar se está ou não mentindo.

ANGÉLICA

Ah, Toninha, se ele me engana, nunca mais acreditarei em homem algum.

TONINHA

Aí vem seu pai.

## CENA V

*Argan, Angélica, Toninha*

ARGAN

Ouçá lá, minha filha: vou lhe dar uma notícia que talvez você não espere. Você foi pedida em casamento. Que é isto? Você ri? É agradável a palavra casamento, não há dúvida! Nada mais engraçado para as moças! Ah, natureza, natureza! Tanto quanto posso ver, minha filha, só me falta pedir que você queira casar-se.

ANGÉLICA

Devo fazer, papai, o que lhe agrade ordenar-me.

ARGAN

Fico satisfeito de ter uma filha tão obediente. A coisa está assentada e você está prometida.

ANGÉLICA

É meu dever, papai, obedecer cegamente a todas as suas vontades.

ARGAN

Sua madrasta queria que eu fizesse de você uma freira, E também sua irmãzinha Luíza. Sempre teve essa idéia!

TONINHA (*à parte*)

Boa maneira de ir para o céu!

ARGAN

Ela não queria consentir nesse casamento; mas eu a convenci e minha palavra está dada.

ANGÉLICA

Ah, meu pai, como eu lhe agradeço por tanta bondade!

TONINHA (*a Argan*)

Na verdade, sempre o julguei sensato: esta é a ação mais ajuizada de toda a sua vida.

ARGAN

Ainda não vi o candidato mas me garantiram que ficarei contente — e você também.

ANGÉLICA

Com toda certeza, papai.

ARGAN

Como? Você já o viu?

ANGÉLICA

Já que o seu consentimento me autoriza a abrir meu coração, não escondo: o acaso nos fez conhecidos, há seis dias, e o pedido que lhe fizeram, papai, é o resultado de um recíproco amor à primeira vista.

ARGAN

Isto não me foi dito... Mas fico contente. Tanto melhor que tenha sido assim. Disseram-me que é um jovem bem-apessoado!

ANGÉLICA

É, papai!

ARGAN

De belo porte.

ANGÉLICA

É, papai!

ARGAN

De aparência agradável.

ANGÉLICA

É, papai!

ARGAN

Bonito de cara.

ANGÉLICA

É, papai!

ARGAN

Bem comportado e bem nascido.

ANGÉLICA

É, papai!

ARGAN

Muito honesto.

ANGÉLICA

É, papai!

ARGAN

E fala muito bem grego e latim.

ANGÉLICA

Comigo só falou francês!...

ARGAN

E que dentro de três dias será médico.

ANGÉLICA

Médico?

ARGAN

Ele não lhe disse isto?

ANGÉLICA

Não. Quem lhe disse?

ARGAN

O Doutor Purgon.

ANGÉLIA

O Doutor Purgon o conhece?

ARGAN

Ora que pergunta! Claro que conhece: é seu sobrinho.

ANGÉLICA

Cleanto é sobrinho do Doutor Purgon?

ARGAN

Que Cleanto? Estamos falando de quem lhe pediu em casamento.

ANGÉLICA

Pois é.

ARGAN

Pois é o sobrinho do Doutor Purgon, filho de seu cunhado médico, o Doutor Boamorte; esse filho se chama Tomás, Tomás Boamorte, e não Cleanto; e acertamos o casamento esta manhã, o Doutor Purgon, o Doutor Florindo e eu; e amanhã o meu futuro genro me será apresentado por seu pai! Que é que você está aí de boca aberta?

ANGÉLICA

É que eu vejo que meu pai me fala de uma pessoa e pensei que era outra.

TONINHA

Meu caro senhor, será que o senhor fez essa grotesca promessa? E com toda esta riqueza, vai casá-la com um médico, e ela passará a ser Dona Angélica Boamorte?

ARGAN

Que é que você tem que ver com isso, velhaca?

TONINHA

Devagar, por favor! O senhor começa logo com injúrias. Será que não podemos discutir sem brigar? Vamos falar com sangue-frio. Diga, por favor: qual a sua razão para esse casamento?

ARGAN

Minha razão é que, vendo-me doente, enfermo, quero um genro médico e parente de médicos, para me socorrerem contra a doença, para ter na família os remédios necessários, as consultas, as receitas.

TONINHA

O senhor está trocando sua filha por um clister! Vamos, ponha a mão na consciência: o senhor está doente?

ARGAN

Como, velhaca? Se eu estou doente? Eu sou doente!

TONINHA

Muito bem, o senhor está doente, é doente, não discutamos, O senhor é muito doente, está muito doente, concordo, e mesmo mais doente do que pensa. Mas sua filha deve arranjar um marido para ela; e como ela não está doente, nem é doente, não precisa que o marido seja médico.

ARGAN

O médico é para mim, o marido para ela; e uma filha de bom coração deve ficar contente de dar um bom marido a seu pai (*corrige-se*), de dar um bom pai ao seu marido (*corrige-se*) de dar uma boa mulher a seu médico! De dar um marido útil à saúde de seu pai!

TONINHA

Quer um conselho de amiga?

ARGAN

Que conselho?

TONINHA

Nem pense nesse casamento!

ARGAN

E por quê?

TONINHA

Porque sua filha não consentirá.

ARGAN

Ela não consentirá?

TONINHA

Não.

ARGAN  
*Minha filha?*

TONINHA  
*Sua filha. Ela lhe dirá que não tem nada a ver com o Doutor Tomás Boamorte, nem com o Doutor Boamorte, nem com todos os Boamortes do mundo!*

ARGAN  
Eu decidi que o partido *é* excelente. O Doutor Boamorte só tem esse filho, que herda tudo; e o Doutor Purgon, que não tem mulher nem filhos, o fará seu herdeiro; e o Doutor Purgon é homem de oito mil boas libras de renda!

TONINHA  
Deve ter matado muita gente, para ser tão rico.

ARGAN  
Oito mil libras de renda são alguma coisa — sem contar com a riqueza do pai.

TONINHA  
Tudo isto é muito bonito, mas eu volto ao assunto: aconselho-o a procurar outro marido. Sua filha não foi feita para ser Dona Angélica Boamorte.

ARGAN  
Eu quero que seja assim, e pronto.

TONINHA  
Não diga isto.

ARGAN  
Não devo dizer?

TONINHA  
De modo algum.

ARGAN  
E por que não devo dizer?

TONINHA  
Vão dizer que o senhor não sabe o que diz.

ARGAN  
Podem dizer o que quiserem; mas digo: quero que minha filha cumpra a palavra que eu dei.

TONINHA  
Juro que ela não fará isto.

ARGAN  
Eu a obrigarei.

TONINHA

Não fará, asseguro.

ARGAN

Ou faz ou eu a meto num convento!

TONINHA

O senhor?

ARGAN

Eu!

TONINHA

Duvido!

ARGAN

Duvida?

TONINHA

O senhor não a meterá num convento.

ARGAN

Eu não a meterei num convento?

TONINHA

Não.

ARGAN

Não?

TONINHA

Não.

ARGAN

Ora, isto tem graça! Então ela não irá para um convento, se eu quiser?

TONINHA

Eu lhe digo que não.

ARGAN

E quem me impedirá?

TONINHA

O senhor mesmo.

ARGAN

Eu?

TONINHA

Sim. O senhor não tem coragem para isto.

ARGAN

Vou ter.

TONINHA

O senhor está brincando.

ARGAN

Não estou brincando, não senhora.

TONINHA

O amor paterno impedirá.

ARGAN

Não impedirá coisa alguma.

TONINHA

Uma lagrimazinha ou duas, os braços ao redor do pescoço, um meu papaizinho dito com muita ternura serão o bastante para comovê-lo.

ARGAN

Eu não me comovo coisa alguma.

TONINHA

O senhor vai ver.

ARGAN

Eu lhe digo que não me comovo!

TONINHA

Conversa!

ARGAN

Não diga que é conversa!

TONINHA

Conversa-fiada, santo Deus! Eu o conheço, o senhor é naturalmente bom.

ARGAN (*no auge da indignação*)

Não sou bom, absolutamente! Quando quero, sou mau!

TONINHA

Calma, calma... O senhor esquece que está doente... que é doente...

ARGAN

Ordeno-lhe que se prepare para casar-se com o marido que eu quiser!

TONINHA

E eu proíbo-a!

ARGAN

Onde é que nós estamos? E que audácia é esta? Onde se viu uma empregada falar assim ao seu amo?

TONINHA

Quando o amo não pensa, a empregada pensa por ele.

ARGAN (*correndo atrás de Toninha*)

Insolente! Você vai ver!

TONINHA (*evitando Argan e colocando a cadeira de permeio*)

É meu dever opor-me a tudo que possa desonrá-lo.

ARGAN (*correndo atrás de Toninha, ao redor da cadeira, com a bengala*)

Venha, venha, vou ensiná-la a falar!

TONINHA (*fugindo para longe de Argan*)

O que eu quero é não deixar que o senhor faça uma loucura!

ARGAN

Cachorra!

TONINHA

Não consentirei nunca neste casamento!

ARGAN

Megera!

TONINHA

Eu não quero que ela se case com o Doutor Tomas Boamorte!

ARGAN

Carçaça!

TONINHA

Ela não obedecerá! Vai obedecer-me, a mim!

ARGAN (*parando*)

Angélica, você não vai fazer essa bruxa parar de falar?

ANGÉLICA

Por favor, papai, o senhor acaba doente!

ARGAN (*a Angélica*)

Se você não a agarra, tem a minha maldição!

TONINHA (*saindo*)

E eu a deserdo, se ela obedece!

ARGAN (*atirando-se na cadeira*)



Ah, não posso mais! Acho que vou morrer!

## CENA VI

*Belinha, Argan*

ARGAN

Ah, Belinha, me acuda!

BELINHA

Que é que você tem, pobre marido?

ARGAN

Ah, venha me socorrer...

BELINHA

Que é que você tem, filhinho?

ARGAN

Ah, minha amiga...

BELINHA

Ah, meu amigo...

ARGAN

Acabam de me enraivecer.

BELINHA

Ah, pobre maridinho! Como foi, quem foi?

AGAN

Aquela bruxa da Toninha, mais insolente do que nunca.

BELINGHA

Não se transtorne...

ARGAN

Ela me fez apoplético, querida!

BELINHA

Calma, calma... meu bem...

ARGAN

Durante uma hora ela se opôs a tudo que eu quero fazer!

BELINHA

Vamos, vamos, calma ...

ARGAN

Teve a ousadia de dizer que eu não estou doente!

BELINHA

É uma impertinente!

ARGAN

Você sabe que eu estou!

BELINZHA

Sei, sei... Ela não tem razão.

ARGAN

Ah, meu amor, aquela peste vai me matar!

BELINHA

Pra que é que estou eu aqui?

ARGAN

Ela é a causa da minha bile!

BELINHA

Nada de exageros, vamos...

ARGAN

Há muito tempo eu digo: você deve mandá-la embora!

BELINHA

Oh, meu Deus! Meu filho, não há empregada que não tenha os seus defeitos. A gente é obrigada a agüentar as más, para não perder as boas. Essa aí é correta, diligente, cuidadosa e sobretudo fiel; e você sabe que hoje em dia é preciso tomar muito cuidado com as empregadas! (*chamando*) Toninha!

## CENA VII

*Argan, Belinha, Toninha*

TONINHA

Senhora?

BELINHA

Por que é que você fez meu marido ficar com raiva?

TONINHA (*em tom adocicado*)

Eu, senhora? Nem sei o que a senhora quer dizer: eu não faço outra coisa senão agradar seu marido...

ARGAN

Ah, traidora!

TONINHA

Ele disse que queria casar a filha com o filho do Doutor Boamorte; eu disse que achava o partido um ótimo partido para ela, mas que era melhor metê-la num convento.

BELINHA

Não vejo mal nisto, e creio que ela tem razão.

ARGAN

Ah, meu amor! Você acredita nela? É uma criminosa! Quer me matar de tantas insolências!

BELINHA

Vamos, eu acredito, meu querido. Calma... Escute, Toninha: se você aborrece meu marido, eu ponho você no olho da rua! Vamos, me dê aqui o seu casaco de pele e os travesseiros, para eu o acomodar direitinho na cadeira. Eu sei fazer. . . Enfie o gorro até as orelhas; não há nada que esfrie tanto quanto vento nas orelhas.

ARGAN

Ah, minha querida, como lhe sou grato pelos seus cuidados!

BELINHA (*arrumando os travesseiros ao redor de Argan*)

Levante-se um pouco, para eu botar aí os travesseiros. Este para você se apoiar nele, este para este lado, o outro do outro, outro para as costas, outro para a cabeça.

TONINHA (*metendo-lhe com força um travesseiro na cabeça*)

E este por causa do sereno!

ARGAN (*levantando-se encolerizado e atirando os travesseiros em Toninha*)

Viu? Bruxa! Quis me sufocar!

## CENA VIII

*Argan, Belinha*

BELINHA

Vamos, vamos! Que é isto?

ARGAN (*atirando-se na cadeira*)

Ah! Ah! Ah! Não posso mais!

BELINHA

Por que essa irritação? Ela pensa que está lhe fazendo bem...

ARGAN

Você não conhece a astúcia dessa velhaca Ah, ela me deixou fora de mim! Vou precisar de uns

oito purgantes e doze lavagens para me acalmar!

BELINHA

Vamos, querido, acalme-se um pouco...

ARGAN

Minha querida, você é todo o meu consolo...

BELINHA

Pobre filhinho!

ARGAN

Para mostrar meu reconhecimento por tanto amor, minha querida, quero fazer meu testamento, como já lhe disse.

BELINHA

Ah, meu querido amigo, não falemos nisto, eu suplico. Não poderia suportar esse pensamento. Basta a palavra testamento para que eu me arrepie de dor.

ARGAN

Eu pedi a você que chamasse o tabelião.

BELINHA

Pois eu chamei, ele está aí à espera. Ah, meu amor, nem pense nisto!

ARGAN

Mande-o entrar, meu amor.

BELINHA

Ah, quando a gente ama, é capaz de tudo! Não posso nem pensar!

## CENA IX

*Boafé, Belinha, Argan*

ARGAN

Bem-vindo seja, Senhor Boafé. Aproxime-se, pegue uma cadeira, por favor. Minha mulher me disse que o senhor é uma pessoa muito honesta, e já se encarregou do testamento do seu falecido primeiro marido; quero encarregá-lo do meu testamento.

BELINHA

Oh, eu sou incapaz de falar nestas coisas.

BOAFÉ

Aí está o que eu chamo uma feliz coincidência. Sua senhora me explicou suas intenções, meu caro senhor. Devo avisá-lo de que o senhor não poderá deixar nada em testamento para sua senhora.

ARGAN

Ora esta! Por quê?

BOAFÉ

É o direito costumeiro. Se o senhor estivesse numa região de lei escrita, o código civil o permitiria: mas em Paris e nos lugares onde prevalece o direito costumeiro, não se pode fazer tal testamento. Seria nulo. Todos os bens que homem e mulher trazem, conjuntamente, a um e outro, por casamento, são uma doação mútua, entre vivos: e ainda assim é preciso que não haja filhos, de ambos ou de um dos esposos, por ocasião da morte do primeiro que morra.

ARGAN

Ora, aí está um costume bem impertinente, pelo qual um marido não pode deixar seus bens à sua amada esposa, que cuidou dele tão carinhosamente? Gostaria de consultar um advogado, para saber o que posso fazer.

BOAFÉ

Não é a advogados que se deve consultar, porque são muito severos neste assunto, e imaginam que é crime fraudar a lei: essas pessoas são gente que cria dificuldades e ignora os meandros da consciência. Há outras pessoas a consultar, mais razoáveis e conhecedoras de expedientes que permitem deslizar suavemente sobre a lei, e tornar justo o que não é permitido; que sabem aplainar as dificuldades dum negócio, e achar os meios de contornar o costume graças a alguma vantagem indireta. Sem isto, que seria de nós, nos dias de hoje? É preciso facilitar as coisas; do contrário, não faríamos nada, e nossa profissão não valeria um caracol.

ARGAN

Bem disse minha mulher, meu caro senhor, que o senhor é muito hábil e honesto. Diga-me, por favor, como posso fazer para dar a ela os meus bens em vez de deixá-los para minhas filhas?

BOAFÉ

Como fazer? O senhor pode escolher um amigo íntimo de sua mulher, ao qual doará, em boa forma, por testamento, tudo que puder: e esse amigo, por sua vez, passará tudo a ela. O senhor poderá também contrair um grande número de dívidas não suspeitas em proveito de diversos credores, que emprestarão seus nomes a sua mulher, e eles colocarão nas mãos dela uma declaração segundo a qual assim fizeram apenas para dar-lhe prazer. O senhor pode ainda, enquanto vivo, entregar a ela dinheiro em moeda corrente, ou promissórias pagáveis ao portador.

BELINHA

Meu Deus! Querido, não se atormente por isto! Se tudo é seu, também não quero mais viver!

ARGAN

Meu amor!

BELINHA

Sim, querido, se eu tiver a desgraça de perdê-lo...

ARGAN

Minha querida esposa!

BELINHA

. . . a vida não será nada mais para mim!

ARGAN  
Meu amor!

BELINHA  
E eu seguirei seus passos, para você ver até onde vai minha ternura!

ARGAN  
Minha querida, você me parte o coração! Console-se, eu suplico!

BOAFÉ (*a Belinha*)  
Suas lágrimas são extemporâneas; as coisas ainda não chegaram a esse ponto.

BELINHA  
Ah, meu caro senhor, o senhor nunca saberá o que é amar um marido!

ARGAN  
O que eu lamentarei, se morrer, é não ter tido um filho seu. O Doutor Purgon me disse que haveria de achar um meio...

BOAFÉ  
Isto ainda pode acontecer.

ARGAN  
Preciso fazer meu testamento, tal como o tabelião recomenda; mas, por precaução, você receberá vinte mil francos ouro que tenho escondidos na parede da alcova, e duas promissórias pagáveis ao portador, de dívidas do Senhor Gastão e do Senhor Furtado.

BELINHA  
Não, não! Não quero, não quero e não quero! . . . Quanto você disse que tem na alcova?

ARGAN  
Vinte mil francos; meu amor.

BELINHA  
Ouro? Oh, não fale, não fale... Ah!... De quanto são as letras?

ARGAN  
Oh, minha querida, uma de quatro mil, outra de seis.

BELINHA  
Todas as riquezas do mundo são nada junto de você, meu amor!

BOAFÉ (*a Argan*)  
O senhor quer que lavremos o testamento?

ARGAN  
Quero, quero, sim! Mas estaremos melhor no meu gabinete. Meu amor, me ajude, por favor.

## CENA X

*Angélica, Toninha*

TONINHA

Lá estão com o tabelião e eu escutei quando falavam de testamento. Sua madrasta não dorme no ponto; e está levando seu pai a alguma conspiração contra os interesses de vocês.

ANGÉLICA

Pode dispor de seus bens como entender, contanto que não disponha do meu coração. Você vê até onde o levam. Não me abandone, eu lhe peço, na minha desgraça!

TONINHA

Eu, abandoná-la? Prefiro morrer! Bem que sua madrasta me fez sua confidente, para me envolver nos seus interesses. Nunca tive a menor inclinação por ela; sempre estive do seu lado, querida. Pode deixar por minha conta: farei tudo para servi-la; mas, para servir melhor, vou mudar de atitude, esconder o meu carinho e fingir que aceito os desejos de seu papai e de sua madrasta.

BELINHA

Por favor, trate de avisar a Cleanto sobre esse casamento que se combinou.

TONINHA

Não tenho ninguém para dar o recado — a não ser o velho avarento Polichinelo, meu apaixonado; vai me custar alguns carinhos! Mas hoje é tarde: amanhã de manhã mandarei chamá-lo e ele ficará encantado de...

## CENA XI

*Belinha (dentro de casa), Angélica, Toninha*

BELINHA

Toninha!

TONINHA (a *Angélica*)

Estão me chamando. Até logo. Conte comigo.

### *Primeiro Entremez*

*O palco muda e se transforma numa cidade.*

*Polichinelo, à noite, vem fazer uma serenata à sua amada, É interrompido primeiro pelos violinos, contra os quais se encoleriza, e em seguida pelos vigias, compostos de músicos e dançarinos.*

## CENA I

### POLICHINELO (*só*)

Oh, amor, amor, amor, amor! Pobre Polichinelo, que diabo de fantasia você meteu na cabeça? Que diversão é esta, miserável insensato? Você deixa os cuidados de seu negócio, abandona tudo; não come, quase não bebe, perde o repouso e a noite; e tudo, por quem? Por uma megera, francamente megera: uma diaba que o repele, que zomba de tudo que você lhe diz! Mas é inútil pensar nisto! O amor quer: é preciso ser doido como muitos outros. Isto não é coisa boa para homem da minha idade. Mas que fazer? Para ter juízo não basta querer; e miolo velho se derrete como miolo novo. Venho ver se posso adoçar minha tigre com uma serenata. Às vezes não há nada tão comovente quanto o amoroso que vem cantar suas dores junto aos gonzos e as fechaduras de sua apaixonada. (*Depois de empunhar o abade*) Aqui está para acompanhar minha voz. Oh, noite! Oh, cara noite! Leva minhas queixas de amor ao leito de minha inflexível!

Notte e di v'amo e v'adoro:  
Cerco un sì per mio ristoro;  
Ma si voi dite di nò,  
Bella ingrata, io morirò.

Frà la speranza  
S'afflige il cuore,  
In lontananza  
Consuma l'hore;  
Si dolce inganno  
Che mi figura  
Breve l'afianno,  
Ahi! troppo dura!  
Così per troppo amar languisco e muoro.

Notte e di v'amo e v'adoro:  
Cerco un sì voi dite di nò,  
Ma si voi dite di sò,  
Bella ingrata, io morirò.

Se non dormite,  
Almen pensate  
Alle ferite

Ch'al cuor mi fate.  
Deh! Almen fingete,

Per mio conforto,  
Se m'uccidete,  
D'haver in torto:  
Vostra pietà mi scemarà il martoro.

Notte e di v'amo e v'adoro:



Cerco un sì per mio ristoro;  
Ma se voi dite di nò.  
Bella ingrata, io morirò.

## CENA II

*Polichinelo, uma Velha (que surge à janela e responde a Polichinelo, para zombar dele)*

A VELHA (*canta*)

Zerbinetti, ch' ogn' hor con finiti sguardi,  
Mentiti desiri,  
Fallaci sospiri,  
Accenti buggiardi,  
Di fede vi pregiate,  
Ah! che non m'ingannate,  
Che già so per prova,  
Ch' in voi non si trova  
Constanza nè fede.

Oh! quanto è pazza colei que vi crede!  
Que sguardi languidi  
Non m'innamorano,  
Quei sospir fervidi  
Più non m'infiarnmano,  
Vel giuro a fe.

Zerbino mísero  
Del vostro piangere  
Il mio cor líbcro  
Vuol sempre ridere;  
Credete a me  
Che già per prova,  
Ch'in voi non si trova  
Constanza nè fede.

## CENA III

*Polichinelo, Violinos (atrás do palco)*

*(Os Violinos começam um a ária)*

POLICHINELO  
Que impertinente harmonia vem aqui interromper minha voz!

*(os Violinos continuam tocando)*

POLICHINELO

Silêncio! Calem-se, violinos! Deixem-me soluçar a meu gosto as crueldades da minha inexorável!

*(os Violinos continuam)*

POLICHINELO

Calem-se! Calem-se! Quem quer cantar sou eu!

VIOLINOS

POLICHINELO

Silêncio!

VIOLINOS

POLICHINELO

Calem-se!

VIOLINOS

POLICHINELO

Silêncio!

VIOLINOS

POLICHINELO

É para zombar?

VIOLINOS

POLICHINELO

Ah, que barulheira!

VIOLINOS

POLICHINELO

Que vão para o diabo!

VIOLINOS

POLICHINELO

Eu arrebento!

VIOLINOS

POLICHINELO

Não querem calar-se? Ah, que Deus seja louvado!

VIOLINOS

POLICHINELO

Violinos do inferno!

VIOLINOS

POLICHINELO

Nunca vi música mais tola!

VIOLINOS

POLICHINELO *(cantando para zombar dos violinos)*

*Lá, lá, lá, lá, lá, lá . . .*

VIOLINOS  
POLICHINELO

Palavra, isto me diverte! Vamos, senhores violinos, continuem! Foi um grande prazer!  
*(Não escutando nada mais)* Vamos, continuem, por favor!

#### CENA IV

POLICHINELO *(só)*

Aí está o meio de fazê-los silenciar. A música está acostumada a não fazer nada do que se quer. Ora, vamos! A nós! Antes de cantar, é preciso preludiar um pouco, tocar uma ária, para afinar melhor. *(Toma o alaúde, e finge tocá-lo, imitando o instrumento com os lábios e a língua)* Plan, plan, plan, plin, plin, plin... Não é nada fácil afinar o alaúde pela voz. Vamos ver, agora... Plan, plan, plan. Plin, plin. Ouço um ruído. Coloquemos o alaúde de encontro à porta.

#### CENA V

*Polichinelo, Arqueiros (passando na rua e  
acorrendo ao barulho que escutam)*

UM ARQUEIRO *(cantando)*  
Quem vai lá? Quem vai lá?

POLICHINELO *(baixo)*  
Que diabo é isto? Será que é moda falar cantando?

UM ARQUEIRO  
Quem vai lá? Quem vai lá? Quem vai lá?

POLICHINELO *(apavorado)*  
Eu! Eu! Eu!

UM ARQUEIRO  
Quem vai lá? Quem vai lá? Vamos, diga!

POLICHINELO  
Sou eu, sou eu!

UM ARQUEIRO  
Eu quem? Eu quem?

POLICHINELO  
Eu! Eu! Eu! Eu!

UM ARQUEIRO

Diga seu nome! Diga seu nome! Depressa!

POLICHINELO ( *fingindo-se de audacioso*)  
Meu nome é Vá-para-a-força!

UM ARQUEIRO

Aqui, camaradas, aqui! Agarremos o insolente que nos responde assim!

(*primeira entrada de ballet*)

UM ARQUEIRO

Que venham todos os vigias, caçar Polichinelo dentro da noite!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Quem vai lá?

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Quem são esses tratantes?

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Ui!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Olá, lacaios, meus acompanhantes!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Pela morte!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Pelo sangue!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Atiro todos ao chão!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Champagne! Poitevin! Picard! Basco! Bretão!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO

Dêem-me o meu mosquetão!

VIOLINOS E DANÇARINOS

POLICHINELO (*finge dar um tiro*)  
Pum!

(*Caem e fogem todos*)

## CENA VI

POLICHINELO (*só*)

Ah, ah, ah, ah! Como eu os assustei! Que gente tola, que tem medo de mim, que tenho medo dos outros! Qual! Neste mundo, basta fingir coragem! Se eu não tivesse fingido de grão-senhor e de bravo, eles me apanhariam!

(*Os Arqueiros se aproximam, e, tendo ouvido o que ele disse, agarram-no pelo gola*)  
OS ARQUEIROS

Está preso, camarada, está preso! Vamos, agora! Tudo aceso!

## CENA VIII

*Polichinelo e Arqueiros (cantando e dançando no teatro iluminado)*

ARQUEIROS  
Ah, tratante, traidor, era você?  
Patife, espertalhão, palhaço, bem se vê  
Que somente um boneco, um homem de brinquedo,  
Ousaria tentar meter-nos medo!

POLICHINELO  
Meus senhores, perdão! É que eu bebi demais!

ARQUEIROS  
Pois vai dormir numa esteira  
Pra curar a bebedeira!  
Já e já para a prisão!

POLICHINELO  
Por Deus, tenham coração!

ARQUEIROS  
Já e já para a prisão

POLICHINELO

Eu juro, não sou ladrão!

ARQUEIROS

Debaixo de bofetão!

POLICHINELO

Sou pacato cidadão!

ARQUEIROS

Uma algema em cada mão!

POLICHINELO

Por favor, por compaixão!

Vim cantar uma canção

À minha ingrata paixão!

ARQUEIROS

Não é nada disto, não!

Tramando revolução!

POLICHINELO

Eu? Até que eu sou cristão!

ARQUEIROS

Só com segunda intenção

Se usa esse narigão!

POLICHINELO

É de família, pois não!

Maior é o de meu irmão

ARQUEIROS

Não deixem rolar no chão

A minha reputação!

ARQUEIROS

Já e já para a prisão!

POLICHINELO

Toninha, a minha paixão

Foi a minha perdição!

ARQUEIROS

Já e já para a prisão!

POLICHINELO

Que palavra haverá capaz de enternecê-lo?

ARQUEIROS

Uma palavra só: dinheiro! Quero vê-lo!

POLICHINELO

Meu dinheiro? Não, não, não!  
Oh, me levem pra prisão!

ARQUEIROS

Se o dinheiro não sai, meu caro espertalhão,  
Nós vamos arrancá-lo à força de bastão!

*(segunda entrada de ballet)*

*(Arqueiros e dançarinos espancam Polichinelo, na cadência da música)*

POLICHINELO

Um, dois, três, quatro, cinco,  
seis, sete, oito, nove, dez...

ARQUEIROS

Melhor contar o dinheiro  
Que fazer este berreiro!

POLICHINELO

Senhores, não posso mais!  
Senhores, deixem-me em paz!

ARQUEIROS

Talvez depois de espancado  
Tenha dinheiro trocado!

*(Os Arqueiros tomam Polichinelo e o viram de cabeça para baixo; de seus bolsos começam a chover moedas, que Arqueiros e Bailarinos apanham, dançando.)*

POLICHINELO

Ai, Toninha, fiquei pobre,  
Lá se foi todo o meu cobre!

ARQUEIROS

Aprenda Polichinelo:  
Nunca faça serenatas  
Pois mesmo o homem mais belo  
Conquista a mulher com pratas!

*(Dançam em torno de Polichinelo que chora)*

## **Segundo Ato**

*Cenário: o quarto de Argan*

## CENA I

*Cleanto, Toninha*

TONINHA (*sem reconhecer Cleanto*)

Que deseja, senhor?

CLEANTO

Que desejo?

TONINHA

Ah, é o senhor! Que surpresa! Que vem fazer aqui?

CLEANTO

Conhecer meu destino, falar à adorável Angélica consultar os sentimentos do seu coração, perguntar-lhe o que decidiu sobre esse casamento de que me falaram!

TONINHA

Muito bem, mas não se fala assim facilmente a Angélica, e creio que já preveniram a Vosmecê: ela está guardadíssima. Não a deixam sair e falar a pessoa alguma. Somente graças à curiosidade duma tia velha, que nos conseguiu permissão para irmos assistir a uma comédia no teatro, é que Vosmecê viu nascer seus sentimentos; e nós evitamos falar dessa aventura.

CLEANTO

Por isso mesmo não venho aqui como Cleanto e como seu apaixonado, mas como amigo de seu professor de música, que me deu licença para vir em seu lugar.

TONINHA

Aí vem o pai. Retire-se um pouco e deixe-me dizer-lhe que Vosmecê chegou.

## CENA II

*Argan, Toninha*

ARGAN (*crendo estar só, sem ver Toninha*)

O Doutor Purgon me disse que eu devia andar pela manhã, no meu quarto, pra lá e pra cá, doze vezes; mas eu me esqueci de perguntar se devo andar no sentido do comprimento ou da largura.

TONINHA

Senhor Argan, está aí um...

ARGAN

Fale baixo, sua bruxa! Você estremeceu todo o meu cérebro, e se esquece de que não se deve falar assim aos doentes!

TONINHA

Eu queria dizer-lhe, senhor...



ARGAN  
Fale baixo, já disse!

TONINHA  
Senhor. . . (*finge que fala*)

ARGAN  
O quê?

TONINHA  
Estou lhe dizendo que. . . (*finge que fala*)

ARGAN  
Que foi que você disse?

TONINHA (*alto*)  
Digo que está aí um homem que lhe quer falar!

ARGAN  
Que venha!

(*Toninha faz sinal a Cleanto, para que se aproxime*)

### CENA III

*Argan, Cleanto, Toninha*

CLEANTO  
Meu caro senhor. . .

TONINHA  
Não fale tão alto, que o senhor pode estremecer o cérebro de meu amo.

CLEANTO  
Meu caro senhor, estou encantado de vê-lo de pé e de ver que o senhor se sente melhor.

TONINHA (*fingindo cólera*)  
Como sente-se melhor? Não é verdade! Meu amo se sente sempre mal!

CLEANTO  
Ouvi dizer que o senhor está melhor, e acho que está com boa fisionomia.

TONINHA  
Que é que o senhor entende da fisionomia de meu amo? Ela é muito má e são pessoas impertinentes as que lhe disseram que ela estava melhor. Meu amo nunca se sentiu pior.

ARGAN  
Ela tem razão.

TONINHA

Meu amo anda, dorme, come, bebe como qualquer pessoa; mas isto não o impede de estar muito doente.

ARGAN

É verdade.

CLEANTO

Meu caro senhor, eu estou desesperado. Venho da parte do professor de canto da senhorita sua filha; ele foi obrigado a viajar para o campo, por alguns dias; como seu amigo íntimo, pediu-me que o substituísse para continuar as lições, receoso de que, com a interrupção, sua filha esqueça o que aprendeu.

ARGAN

Muito bem. (a *Toninha*) Chame Angélica.

TONINHA

Será melhor levar o senhor aos seus aposentos.

ARGAN

Não. Faça-a vir.

TONINHA

Ele não poderá dar lição de canto sem acompanhamento.

ARGAN

Pode, sim.

TONINHA

Isto vai afligir o meu amo! No estado em que o senhor está, qualquer coisa pode comovê-lo e estremecer o seu cérebro.

ARGAN

Nada disto. Eu adoro a musica; e me agradará bastante. . . ah, aqui está ela! (a *Toninha*) Vá ver se minha mulher já está pronta.

#### CENA IV

*Argan, Angélica, Cleanto*

ARGAN

Venha cá, minha filha. O seu professor de música teve de ir ao campo e mandou aqui este senhor para substituí-lo.

ANGÉLICA (*reconhecendo Cleanto*)

Ah, Deus do céu!

ARGAN

Que foi? De onde vem essa surpresa?

ANGÉLICA

É que. . .

ARGAN

Que é que perturbou tanto você?

ANGÉLICA

É uma coisa extraordinária, papai!

ARGAN

Que é que há de extraordinário num professor de canto?

ANGÉLICA

Esta noite sonhei que estava numa grande aflição e que uma pessoa, exatamente como este senhor, se apresentou a mim e eu lhe pedi socorro, e ele me veio tirar da minha angústia; e qual não é minha surpresa senão a de, ao entrar aqui, ver inopinadamente a imagem que vi de noite!

CLEANTO

Não é ser infeliz, senhorita, ocupar seu pensamento, em sonho ou acordada; e minha felicidade seria enorme se a senhorita sentisse qualquer aflição da qual eu merecesse tirá-la; não há nada que eu não fizesse para. . .

## CENA V

*Argan, A ngélica, Cleanto, Toninha*

TONINHA (*a Argan*)

Dou-lhe minha palavra, senhor; estou do seu lado agora; e desdigo tudo que eu disse ontem. Aí estão o Doutor Boamorte pai e o Doutor Boamorte filho, que lhe fazem uma visita. Que genro, que genrão! O senhor vai ver o rapaz mais bem feito do mundo, o mais espiritual e espirituoso! Ele só me disse duas palavras, que me encantaram; e estou certa, sua filha vai ficar deslumbrada com ele!

ARGAN (*a Cleanto, que fez gesto de ir-se*)

Fique, meu senhor. É que vou casar minha filha e me trazem o seu pretendente, que ela ainda não conhece.

CLEANTO

É muita honra para mim testemunhar um encontro tão agradável.

ARGAN

É o filho dum hábil médico; e o casamento se realizará daqui a quatro dias.

CLEANTO

Congratulações.

ARGAN

Por favor, participe ao professor de musica, para que eJe compareça à cerimônia do casamento.

CLEANTO

Não esquecerei.

ARGAN

E venha o senhor também.

CLEANTO

É uma grande honra.

TONINHA

Vamos, em forma! Aqui estão!

## CENA VI

*Boamorte, Tomás Boamorte, Argan, Angélica  
Cleanto, Toninha, um Lacaio;*

ARGAN (*leva a mão ao gorro, sem tirá-lo*)

Doutor Purgon me proibiu de descobrir a cabeça. O senhor é do mesmo ofício, sabe as conseqüências.

BOMORTE

Em nossas visitas, é nossa obrigação socorrer os doentes e não trazer-lhes incômodos.

*(Argan e Boamorte falam ao mesmo tempo)*

ARGAN

Com muita honra, doutor...

BOAMORTE

Aqui estamos, senhor...

ARGAN

É uma grande alegria...

BOAMORTE.

Meu filho Tomás e eu...

ARGAN

Quanta honra para mim...

BOAMORTE

Para lhe testemunhar, meu caro senhor. . .

ARGAN

E eu teria desejado...

BOAMORTE

O encanto que temos...

ARGAN

Poder ir à sua casa...

BOAMORTE

Da graça que nos concede.

ARGAN

Mas como o senhor bem sabe, prezado doutor...

BOAMORTE

E a subida honra...

ARGAN

Sou um pobre doente...

BOAMORTE

Dessa aliança...

ARGAN

Que não pode fazer grande coisa...

BOAMORTE

E quero assegurar-lhe...

ARGAN

Mas pode assegurar-lhe...

BOAMORTE

Que, no que depender da nossa profissão...

ARGAN

Que procurarei todas as ocasiões...

BOAMORTE

Em qualquer ocasião...

ARGAN

De informá-lo de que...

BOAMORTE

Estaremos sempre a postos...

ARGAN

Estarei à disposição dos senhores doutores.

BOAMORTE.

E à disposição de sua enfermidade. *(ao filho)* Vamos, Tomás, adiante-se e cumprimente.

TOMAS (*a Boamorte*)  
Devo começar pelo pai?

BOAMORTE  
Claro!

TOMAS (*a Argan*)

Prezado senhor: venho aqui saudar, reconhecer, render homenagem e reverenciar no senhor um segundo pai – não é, papai ? – ao qual ousou dizer que sou mais grato que ao primeiro – está bem assim, papai? – O primeiro me gerou, mas o segundo me escolheu. Não escolheu, papai? Ele me recebeu porque era inevitável – não é papai?

– E o senhor me aceita como uma graça. O que devo a ele é obra de seu corpo; mas o que eu lhe devo é obra de sua vontade. Está bem assim, papai? E tanto mais quanto as faculdades espirituais se sobrepõem às corporais, tanto mais lhe devo e mais prezo essa futura filiação, pela qual venho hoje render-lhe, adiantadamente, as minhas muito humildes e muito respeitadas homenagens. Esta bem, papai?

TONINHA  
Viva a faculdade que o pariu!

TOMAS (*ao pai*)  
Eu me saí bem, papai?

BOAMORTE  
*Optime.*

ARGAN (*a Angélica*)  
Vamos, cumprimente o noivo.  
TOMÁS (*ao pai*)  
Beijá-la-ei?

BOAMORTE  
Beijá-la -á.

TOMÁS (*a Angélica*)  
Madame, é com justiça que o céu lhe concedeu o nome de sogra, pois. . .

ARGAN (*a Tomás*)  
Esta não é minha mulher; o senhor está falando com minha filha.

TOMÁS  
E onde está a sua excelentíssima?

ARGAN  
Já vem.

TOMÁS  
Devo esperar até que ela venha, papai?

BOAMORTE

Cumprimente a senhorita.

TOMÁS

Senhorita, assim como a estátua de Mnemon exalava um som harmonioso quando os raios do sol a iluminavam, assim me sinto animado por um doce transporte à aparição do sol de sua beleza e, como os naturalistas observam que a flor chamada heliotrópio roda ao redor do astro do dia, assim meu coração, de agora em diante, rodará sempre em torno dos astros resplendentes de seus olhos adoráveis e na direção deles. Aceite, senhorita, que eu deponha hoje no altar de seus encantos a oferenda deste coração que não respira e não ambiciona outra glória Senão a de ser, por toda a vida, senhorita, o seu muito humilde, muito obediente e muito fiel servidor e marido, assinado Tomás Boamorte. Saiu bem, papai?

TONINHA

Isto é que é ser estudioso! A gente aprende a dizer cada coisa bonita!...

ARGAN (a *Cleanto*)

Hem? Que é que o senhor me diz de tudo isto?

CLEANTO

Que o doutor é maravilhoso e que, se é tão bom doutor quanto orador, haverá prazer em ser doente. . .

TONINHA

Certamente! Basta falar, e ele cura o doente!

ARGAN

Vamos, minha cadeira. E cadeiras para todos. (*Os lacaios trazem cadeiras.*) Sente-se ali minha filha. (a *Boamorte*) Veja, doutor: todos admiram seu filho; o senhor deve ser bem feliz de ter um filho como ele!

BOAMORTE

Meu caro senhor, não é para me gabar de ser seu pai; mas posso dizer que tenho motivo de estar contente com ele, e que todos que o vêem falam dele como dum rapaz que não possui maldade absolutamente. Nunca teve imaginação muito viva, nem esse fogo de espírito que se observa em alguns: mas é por aí que sempre augurei o seu bom senso, qualidade necessária ao exercício da nossa arte. Quando pequeno, nunca foi o que se chama aceso e desperto. Estava sempre quieto, doce, taciturno, sem falar coisa alguma, sem brincar e sem participar de jogos infantis. Foi uma dificuldade ensiná-lo a ler; e aos nove anos mal distinguia as letras. Bom, dizia eu com meus botões, as árvores tardias são as que dão melhores frutos. Grava-se no mármore com mais dificuldade que na areia. Mas as coisas se conservam no mármore por muito mais tempo; e essa lentidão a compreender, essa imaginação pesada, são a marca dum bom julgamento no futuro. Quando eu o mandei para o colégio, sentiu dificuldades, mas enfrentou-as! E os professores louvaram-me sempre sua assiduidade! Tanto que às vezes até aos domingos ia ao colégio! Esquecido como um sábio! Enfim de tanto malhar o ferro, recebeu o diploma; e posso dizer sem vaidade: não houve candidato que fizesse mais barulho nas disputas acadêmicas! Tornou-se temível: não há afirmação que ele não contradiga, para argumentar com a afirmação contrária. É firme na disputa, forte como um touro em seus princípios. não abdica jamais de sua opinião, e segue um raciocínio até os últimos recantos da

lógica. Mas, acima de tudo, o que me agrada nele – e nisto segue o meu exemplo – e que se agarra cegamente às opiniões de nossos antigos, e jamais quis escutar nem compreender razões e experiências das pretensas descobertas do nosso século coisas como a circulação do sangue e outras opiniões da mesma farinha.

TOMÁS (*tirando do bolso uma grande tese enrolada, que apresenta a Angélica*)

Contra Descartes e os circuladores de sangue sustentei uma tese que, com sua permissão (*cumprimenta Argan*), ousou oferecer à senhorita, como uma homenagem que lhe devo das primícias de meu espírito.

ANGÉLICA

Desculpe, senhor: Para mim é coisa inútil, não entendo nada disto.

TONINHA (*tomando a tese*)

Dê aqui. Serve sempre para enfeitar o quarto.

TOMÁS (*saudando Argan mais uma vez*)

Com a sua permissão, convido sua filha a vir ver, um desses dias, para divertir-se, a dissecação dum cadáver — de mulher, bem entendido! — sobre o qual devo dissertar.

TONINHA

Será um agradável divertimento! Há quem leve seus amores ao teatro: mas oferecer-lhes uma dissecação é muito mais galante!

BOAMORTE

Aliás no que respeita às qualidades necessárias para o casamento e a propagação da espécie, eu lhe asseguro: conforme os exames dos nossos doutores, ele é tudo quanto se possa desejar de melhor: meu filho possui, em grau apreciável, a virtude prolífica: o seu temperamento é precisamente o recomendável para engendrar e procriar filhos bem condicionados.

ARGAN

Não é sua intenção, doutor, fazê-lo chegar à Corte e aí conseguir-lhe um lugar de médico?

BOAMORTE

Para falar com franqueza, meu caro senhor, nossa atividade junto aos grandes nunca foi agradável: sempre achei melhor exercer a profissão para o público em geral. Gente do povo é cômoda. Quando se trata com o povo não se tem de dar satisfação a ninguém. E, dizendo-se o comum das regras da arte, não se sofre com o que pode acontecer. O que há de aborrecido com os grandes é isto: quando ficam doentes querem absolutamente que seus médicos os curem.

TONINHA

É engraçado! Como são impertinentes, com isto de quererem ficar curados! Não é para isto que os senhores doutores estão aí: só estão para receber seus honorários e receitar remédios; eles que se curem, se puderem!

BOAMORTE

Aí está a verdade. Só nos obrigamos a tratar das pessoas dentro das normas.

ARGAN (*a Cleanto*)

Faça minha filha cantar para os nossos amigos.



CLEANTO

Esperava suas ordens, senhor. Ocorreu-me, para diverti-los, fazer Mademoiselle cantar uma cena duma pequena ópera recente. (*a Angélica, dando-lhe em papel*) Aqui está sua partitura.

ANGÉLICA

Eu, cantar?

CLEANTO

Não recuse, por favor, e deixe-me fazer compreender a cena que a senhorita deve cantar. (*alto*) Não tenho voz para cantar; mas aqui basta fazer-me ouvir; e peço-lhes desculpas, pois minha intervenção servirá apenas para Mademoiselle cantar.

ARGAN

São bonitos os versos?

CLEANTO

É mais uma operazinha improvisada: vão escutar prosa cadenciada, à maneira de versos livres, como a paixão e a necessidade podem inspirar a duas pessoas que dizem coisas sobre si mesmas e falam imediatamente.

ARGAN

Muito bem. Escutemos.

CLEANTO

A cena é a seguinte; um pastor encantava-se com um espetáculo que começara quando sua atenção se desviou para um ruído a seu lado. Voltou-se e viu um brutamontes, com palavras insolentes, a maltratar uma pastora. Imediatamente, tomou o partido do sexo ao qual nós, homens, devemos render homenagem; e, depois de castigar a insolência do brutamontes, volta-se para a pastora, e depara-se com uma jovem a qual, com os olhos mais lindos do mundo, vertia lágrimas que ele achou as mais belas do mundo. Aí, exclamou para si mesmo: como se pode ultrajar uma pessoa tão adorável? E que desumano, que bárbaro não se sentiria tocado por essas lágrimas? Tratou de fazê-las cessar essas lágrimas que achou tão lindas; e a bela pastora tratou de agradecer o serviço prestado; e o fez de modo tão encantador, tão terno e apaixonado, que o pastor não pôde resistir: cada palavra, cada olhar foi para ele um incêndio no coração. Haverá, disse ele, alguma coisa que possa merecer as amáveis palavras de um tal agradecimento? E que não seria ele capaz de fazer, que serviços não prestaria, a que perigos não se arriscaria, encantado, para receber um só momento das tocantes doçuras duma alma tão reconhecida? Todo o espetáculo correu sem prestar a menor atenção; mas lamentou ser tão curto, porque o seu término o separaria da sua adorável pastora. Desse primeiro encontro, desse primeiro momento, levou para casa tudo que um longo amor pode ter de mais violento. Passou a sentir todos os males da ausência, e atormentou-se de não mais ver o que tão pouco havia visto. Fez tudo para tornar a vê-la, conservando no pensamento, dia e noite, a imagem querida; mas a severidade com que guardavam a pastora lhe tirou todos os meios de revê-la. A violência da paixão levou-o a decidir pedir em casamento a adorável beleza, sem a qual não podia viver; obtém dela para tanto a permissão, graças a um bilhete que teve a habilidade de lhe enviar. Mas ao mesmo tempo advertiram-lhe: o pai da bela acertara seu casamento com outro, e tudo estava combinado para a cerimônia. Imaginem que expectativa cruel para o coração do triste pastor! Abateu-o uma dor mortal; não pôde sofrer a horrível idéia de ver seu amor nos braços de outrem: e seu amor, em desespero, o leva a encontrar um meio de se introduzir na casa da pastora para conhecer seus sentimentos e saber dela que destino deveria cumprir. Ali depara com os preparativos temidos: vê chegar o indigno rival que o capricho de um pai opõe às

ternuras de seu amor; ele o vê triunfante, aquele rival ridículo, junto à amável pastora, como um conquistador vitorioso: e essa visão o encheu de uma cólera tão grande que mal podia dominar-se. Lançou langorosos olhares sobre a sua adorada: o respeito e a presença do pai impediram-no de ir além dos olhares. Mas finalmente forçou todo constrangimento; e os arroubos de seu amor o obrigaram a falar assim:

*(ele canta)*

Bela Filis amor, é demais meu sofrer,  
Oh, rompe o teu silêncio, abre o teu pensamento,  
Dize-me o fim do meu tormento:  
Devo viver? Devo morrer?

ANGÉLICA *(cantando)*

Aqui me vês, Tirsis, desolada e chorosa,  
Diante desse himeneu que tanto te apavora;  
Ergo os olhos ao céu, e te vejo, e suspiro!  
É tudo quanto sei dizer!

ARGAN

Vejam! Eu não sabia que minha filha fosse tão preparada, e cantasse assim, de livro aberto, sem hesitar!

CLEANTO

Ai, ai, bela Filis!  
Será que o teu amoroso Tirsis  
Possa ser tão feliz  
Para dar-te o que o teu pai não quis?

ANGÉLICA

Ai, eu não sei fugir ao teu doce reclamo!  
Oh, sim, Tirsis, eu te amo!

CLEANTO

Oh, confissão celestial!  
Oh, será que eu ouvi mal?  
Oh, repete-a Filis pra me fazer feliz!

ANGÉLICA

Oh, sim, Tirsis, eu te amo!

CLEANTO

Filís, eu peço bis!

ANGÉLICA

Como eu te amo, Tírsis!

CLEANTO

Oh, repete, Filis, repete vezes mis!

ANGÉLICA

Eu te amo, eu te amo, eu te amo,  
Eu te amo, eu te amo, eu te amo. . .

CLEANTO

Deuses e reis, que aos pés tendes o mundo,  
Acaso sentireis a dita em que me inundo?  
Filis, um pensamento  
Ai! me torna iracundo!  
Um rival! Que tormento!

ANGÉLICA

Ai, eu o odeio mais que a morte!  
Sua presença, meu Tírsis,  
Não há bondade que suporte!

CLEANTO

Mas teu pai prometeu que lhe dará tua mão!

ANGÉLICA

Oh, prefiro morrer!  
Jamais consentirei!  
Não caso! Morrerei!

ARGAN

E que é que o pai diz a tudo isto?

CLEANTO

Não diz nada.

ARGAN

Deve ser um pai toleirão, para suportar todas essas tolices sem dizer nada!

CLEANTO (*querendo continuar a cantar*)

Oh, meu amor...

ARGAN

Não, não! Basta! Essa comédia é um péssimo exemplo! O pastor Tírsis é um impertinente, a pastora Filis é simplesmente indecente ao falar assim diante do pai! (*a Angélica*) Mostre-me esse papel! Ah! Ah! Onde está escrita a letra da canção? Aqui só está a música!

CLEANTO

Será que o senhor não sabe, meu caro senhor: inventaram um meio de escrever as palavras com as notas musicais?

ARGAN

Muito bem, e passe bem, senhor. Poderíamos perfeitamente ter dispensado a sua ópera impertinente.

CLEANTO

Pensei que os divertia.

ARGAN

As tolices não me divertem de modo algum. Ah, aí vem minha esposa.

## CENA VII

*Belinha, Argan, Angélica, Boamorte, Tomás, Toninha*

ARGAN

Benzinho, aqui está o filho do Doutor Boamorte.

TOMÁS

Madame, é com justiça que o céu lhe concedeu o nome de sogra, pois...

BELINHA

Estou encantada de chegar a tempo de ter a honra de conhecê-lo.

TOMÁS

. . . pois lê-se no seu semblante. . . pois lê-se no seu semblante. . . A senhora me interrompeu no meio da minha frase e isto ofuscou a minha memória.

BOAMORTE

Tomás, guarda o discurso para outra ocasião.

ARGAN

Gostaria que você tivesse chegado mais cedo, meu bem. . .

TONINHA

Ah, a senhora perdeu a frase sobre o segundo pai, a estátua de Mnemon e a flor chamada heliotrópio.

ARGAN

Vamos, minha filha, aperte a mão do noivo, para firmar o compromisso.

ANGÉLICA

Papai!

ARGAN

Por que “papai!” ? Que é que quer dizer com isto?

ANGÉLICA

Eu lhe peço, não precipite as coisas. Dê-nos ao menos tempo de nos conhecermos, e de ver nascer, um pelo outro, essa inclinação necessária a uma união perfeita.

TOMÁS

Quanto a mim, senhorita, já nasceu não preciso esperar mais!

ANGÉLICA

Se o senhor é tão rápido, eu não sou; e confesso-lhe: o seu mérito ainda não causou impressão considerável no meu espírito.

ARGAN

Ora, bem! Para isto haverá muito tempo quando estiverem casados!

ANGÉLICA

Ah, meu pai, eu lhe peço, dê-me tempo. O casamento é um grilhão que jamais deve prender o coração à força; e se este senhor é um homem de bem, não deve aceitar uma pessoa que a ele se ligaria sob imposição.

TOMÁS

*Nepo consequentiam*, Mademoiselle: posso perfeitamente ser homem de bem e aceitá-la das mãos do senhor seu pai.

ANGÉLICA

É um meio cruel, o de procurar ser amado pela violência.

TOMÁS

Lê-se nos antigos, Mademoiselle, que seu costume era o de raptar pela força, da casa dos pais, as jovens com quem desejavam casar-se, a fim de não parecer que, por consentimento delas, caíram nos braços dos homens.

ANGÉLICA

Os antigos, senhor, são os antigos; nós somos gente de hoje. No nosso século os fingimentos não são necessários; e quando um casamento nos agrada, sabemos muito bem ir buscá-lo, sem sermos arrastadas a ele. Tenha paciência: se o senhor me ama, deve querer tudo que eu quero.

TOMÁS

Sim, senhorita, até os interesses do meu amor, exclusivamente.

ANGÉLICA

Mas a grande marca do amor é submeter-se às vontades de quem se ama.

TOMÁS

*Distingo*, Mademoiselle. No que não diz respeito ao que é meu, *concedo*; no que me diz respeito, *nego*.

TONINHA (a *Angélica*)

Inútil argumentar. Este senhor acaba de sair do colégio, e lhe despejará em cima tudo que decorou. Por que resistir tanto e recusar a glória de se ligar ao próprio corpo da Faculdade?

BELINHA

Talvez ela tenha em mente alguém mais...

ANGÉLICA

Se tivesse, senhora, seria exatamente o permitido pela razão e a honestidade.

ARGAN

Ora que papel faço eu aqui?!

BELINHA

No seu lugar, meu querido, eu não a obrigaria a casar-se: sei muito bem o que faria.

ANGÉLICA

Prezada senhora, eu sei o que a senhora quer dizer, e conheço os seus sentimentos para comigo; mas talvez seus sonhos não sejam felizes a ponto de merecerem execução.

BELINHA

É que as moças bem comportadas e honestas, como você, agora zombam da obediência e da submissão aos pais. Bom tempo, o de antigamente!

ANGÉLICA

O dever filial tem limites, minha senhora; e a razão e as leis não alcançam tudo!

BELINHA

Por outras palavras: você não pensa senão em casamento; mas quer escolher o esposo de acordo com sua fantasia.

ANGÉLICA

Se meu pai não me quer dar um marido que me agrade, eu lhe pedirei ao menos que não me force a casar-me com um que eu não possa amar.

ARGAN

Meus senhores, peço-lhes perdão por tudo isto.

ANGÉLICA

Ao casar-se, cada um tem um desígnio. Para mim, que só quero marido para amá-lo verdadeiramente, e pretendo fazer dele a razão de ser da minha vida, confesso que tomo minhas precauções. Algumas moças procuram marido só para fugir do domínio dos pais e para fazerem depois tudo que quiserem. Outras, senhora, fazem do casamento um comércio de puro interesse; só se casam para receber heranças, para se enriquecerem depois da morte do esposo; correm sem escrúpulos de marido em marido, para apropriar-se dos seus despojos. Essas pessoas, na verdade, não escolhem meios e mal olham a pessoa escolhida.

BELINHA

Você está hoje muito raciocinante, e eu gostaria bem de saber: que quer dizer com tudo isto?

ANGÉLICA

Eu, senhora? Quero dizer exatamente o que eu disse!

BELINHA

Você é tão tola que ninguém pode suportá-la.

ANGÉLICA

A senhora gostaria de me obrigar a dizer alguma impertinência; mas eu a advirto: não o conseguirá.

BELINHA

Não há nada igual à sua insolência!

ANGÉLICA

Não, senhora. A senhora o disse muito bem.

BELINHA

E você tem um orgulho ridículo, uma presunção impertinente, que leva todos a darem de ombros!

ANGÉLICA

Tudo isto, senhora, não servirá para nada. Serei bem comportada a despeito seu; e para lhe tirar a esperança de conseguir o que deseja, vou sumir de sua vista.

CENA VIII

*Argan, Belinha, Boamorte, Tomás, Toninha*

ARGAN *(a Angélica, que sai)*

Escute: trate de escolher, em quatro dias: este marido ou o convento. *(a Belinha)* Não se aflija: eu a corrijo!

BELINHA

Lamento ter de deixá-los, querido: tenho de ir à cidade, e voltarei o mais depressa que puder.

ARGAN

Vá, meu amor: e passe no seu tabelião, para que ele apronte aquilo de que falamos.

BELINHA

Adeus, amorzinho.

ARGAN

Adeuzinho, amorzinho.

**CENA IX**

*Argan, Boamorte, Tomás, Toninha*

ARGAN

Aí está uma mulher que me ama! É incrível como me ama!

BOAMORTE

Caro senhor, vamos nos despedir.

ARGAN

Peço-lhe: diga-me como estou passando.

BOAMORTE (*tomando-lhe o pulso*)

Vamos, Tomás, segure o outro braço dele, para vermos se você sabe avaliar o seu pulso. *Quid dicis?*

TOMÁS

*Dico*: o pulso deste senhor é o pulso de um homem que não se sente bem.

BOAMORTE

Muito bem.

TOMÁS

*Dico*: é duriúsculo, para não dizer duro.

BOAMORTE

Muito bem!

TOMÁS

Estertórico!

BOAMORTE

*Bene*.

TOMÁS

E mesmo um tanto caprinotáxico!

BOAMORTE

*Oprime*.

TOMÁS

Falta uma certa intempérie no *parenchyma splenico*.

BOAMORTE

Excelente!

ARGAN

Não! O Doutor Purgon diz que meu fígado é que vai mal.

BOAMORTE

Mas, decerto! Quem diz *parenchyina* diz um e outro, por causa da estreita simpatia pela qual se ligam, graças ao *vas breve*, ao *pyloro*, e às vezes aos *choledocos*. Ele lhe recomenda, evidentemente, comer grande quantidade de assados?

ARGAN

Não: só caldinhos.

BOAMORTE

Ora, é claro: assados, caldinhos, são a mesma coisa. Um caldinho é um assado derretido. Está certo. O senhor não pode estar em melhores mãos.



ARGAN

Doutor, quantos grãos de sal deve-se pôr num ovo?

BOAMORTE

Seis, oito, dez, sempre números pares, um para cada ovo. Nos medicamentos, sempre números ímpares.

ARGAN

Muito obrigado, doutores. E até a próxima consulta.

## CENA X

*Belinha, Argan*

BELINHA

Meu amor, antes de sair, venho preveni-lo de uma coisa: quando passei diante do quarto de Angélica vi um rapaz que fugiu antes de me ver.

ARGAN

Um rapaz com minha filha?!

BELINHA

Sim, senhor. E a Luizinha estava com eles, e poderá contar tudo!

ARGAN

Chame-a aqui, meu amor. Ah, sem-vergonha! (*só*) Agora se explica sua resistência!

## CENA XI

*Argan, Luizinha*

LUIZINHA

Que é que você quer, papai? Mamãe-madrasta disse que você está chamando...

ARGAN

Sim, venha aqui, chegue perto, rode um pouco, levante os olhos. Olhe-me. Hem?

LUIZINHA

Que é, papai?

ARGAN

Vamos!

LUIZINHA

O quê, papai?

ARGAN

Você não tem nada a me contar?

LUIZINHA

Se o senhor quiser, eu lhe direi, uma história da carochinha, ou uma fábula, *O corvo e a raposa*, que me ensinaram.

ARGAN

Não é o que estou pedindo.

LUIZINHA

Então o que é?

ARGAN

Espertinha, você bem sabe!

LUIZINHA

Desculpe, papai.

ARGAN

É assim que você me obedece?

LUIZINHA

Por que tudo isto, papai?

ARGAN

Eu não lhe recomendei que me viesse dizer tudo que você tem visto por aqui?

LUIZINHA

Sim, papai.

ARGAN

E você disse?

LUIZINHA

Sim, papai. Disse tudo que vi.

ARGAN

E você não viu nada hoje?

LUIZINHA

Não, papai.

ARGAN

Não?

LUIZINHA

Não, papai.

ARGAN  
Tem certeza?

LUIZINHA  
Tenho certeza.

ARGAN  
Pois eu vou lhe fazer ver alguma coisa!

LUIZINHA (*vendo um punhado de varas que Argan foi buscar*)  
Ah, não, papai!

ARGAN  
Ah, sua fingida! Você não me disse que viu um homem no quarto de sua irmã!

LUIZINHA (*chorando*)  
Papaizinho!...

ARGAN (*tomando-a pelo braço*)  
Pois eu vou ensinar você a mentir!

LUIZINHA  
Ah, papai, eu lhe peço perdão! Minha irmã me pediu que eu não contasse nada! Mas eu vou dizer tudinho!

ARGAN  
Primeiro é preciso apanhar umas lambadas, pela mentira. Depois veremos o resto.

LUIZINHA  
Perdão, papaizinho!

ARGAN  
Não tem perdão nem meio perdão.

LUIZINHA  
Meu papaizinho, não me bata!

ARGAN  
Vai apanhar, sim.

LUIZINHA  
Pelo amor de Deus, papai, não me bata!

ARGAN (*querendo chicoteá-la*)  
Vamos, vamos!

LUIZINHA  
Papai, o senhor me machucou! Veja: morri! (*finge que morreu*)

ARGAN  
Ah! Que foi isto? Luizinha! Ah, meu Deus! Luizinha! Ah! Minha filha! Que desgraça! Minha

pobre filha, morta! Que foi que eu fiz, miserável! Ah, malditas varas! Minha pobre filha, minha pobre Luizinha!

LUIZINHA

Pronto. Papai, não chore tanto! Não estou *tão* morta assim!

ARGAN

Ah, sua espertinha! Ora, veja! Vou perdoá-la, contanto que me conte tudo!

LUIZINHA

Oh, sim, papai!

ARGAN

Mas tome cuidado, ao menos: este meu dedinho sabe tudo e me dirá se você está mentindo.

LUIZINHA

Sim, papai. Mas não diga à minha irmã que eu contei.

ARGAN

Não, não.

LUIZINHA

Pois é. Um homem entrou no quarto de minha irmã quando eu estava lá.

ARGAN

Adiante!

LUIZINHA

Perguntei o que ele queria e ele me disse que era o professor de canto.

ARGAN (*à parte*)

Ah, cá está o busílis (*a Luizinha*) Adiante!

LUIZINHA

Aí minha irmã chegou.

ARGAN

Adiante.

LUIZINHA

Aí ela disse: “Saia daqui, saia! Meu Deus, saia! O senhor me aflige!”

ARGAN

Adiante.

LUIZINHA

Aí ele não queria sair.

ARGAN

Que é que ele dizia?

LUIZINHA

Dizia uma porção de coisas.

ARGAN

Que coisas?

LUIZINHA

Ele virou, pegou e disse patati-patatá, que gostava dela, que estava apaixonado por ela, e patati-patatá, que ela era a mais bonita do mundo.

ARGAN

E depois?

LUIZINHA

Depois ele se ajoelhou diante dela.

ARGAN

E depois?

LUIZINHA

Depois, beijou as mãos dela.

ARGAN

E depois?

LUIZINHA

Depois mamãe Belinha apareceu na porta e ele fugiu.

ARGAN

Não há nada mais?

LUIZINHA

Não, papai.

ARGAN

Mas o meu dedinho resmunga alguma coisa. *(metendo o dedo na orelha)* Espere. Ah, sim? Ah, sim! Meu dedo me diz alguma coisa que você viu e não me disse.

LUIZINHA

O seu dedinho é um mentiroso.

ARGAN

Veja como fala!

LUIZINHA

Não, papai, não acredite nele. Está mentindo eu juro!

ARGAN

Pois é o que vamos ver. Pode ir e preste atenção a tudo. Vá. *(só)* Ah, não há mais crianças! Ah, quanta complicação! Nem tenho tempo de pensar na minha doença! Na verdade, não agüento mais! *(deixa-se cair numa cadeira)*

## CENA XII

*Beraldo, Argan*

BERALDO

Como vai, meu irmão? Como se sente?

ARGAN

Ah, meu irmão! Muito mal!

BERALDO

Como, mal?

ARGAN

Numa fraqueza tão grande que prece incrível!

BERALDO

Que coisa aborrecida!

ARGAN

Não tenho nem mesmo força para falar.

BERALDO

Meu irmão, eu vim aqui propor um partido para minha sobrinha Angélica.

ARGAN (*falando com arrebatamento e levantando-se*)

Meu irmão, nem me fale dessa tratante! É urna espertalhona, uma impertinente, uma desavergonhada! Vou metê-la num convento daqui a dois dias!

BERALDO

Ora bem! Estou contente de ver que as forças lhe voltaram e que minha visita lhe faz bem. Falaremos de negócios daqui a pouco. Trago-lhe aqui um divertimento que dissipará suas preocupações, e o tornará mais bem disposto para conversar sobre os nossos assuntos. São Egípcios vestidos de Mouros, que apresentam danças misturadas com canções! Estou certo de que lhe agradarão. E isto vale mais do que uma receita do Doutor Purgon. Vamos!

### Segundo Entremez

*O irmão do doente imaginário leva-lhe, para diverti-lo, vários Egípcios e Egípcias, vestidos de Mouros, que apresentam danças entremeadas de canções.*

PRIMEIRA MULHER MOURA

Gozai a primavera

Dos vossos belos anos,  
Amável juventude;  
Gozai a primavera  
Dos vossos belos anos  
Antes que tudo mude!

Porque o melhor dos prazeres  
Sem os prazeres do amor  
Não passa de desprazeres  
Não passa de dissabor.

Gozai a primavera  
Dos vossos belos anos,  
Amável juventude;

Gozai a primavera  
Dos vossos belos anos  
Antes que tudo mude!  
Sabei aproveitar cada momento!

Ai, a beleza passa,  
O corpo que se enlaça,  
Ai, o beijo que esvoaça,  
Ai, tudo perde a graça!  
E tudo vai-se embora com o vento!

Gozai a primavera  
Dos vossos belos anos,  
Amável juventude!  
Amai-vos sem espera,  
Amai-vos sem enganar,  
Esta é a vossa virtude.

*(primeira entrada do ballet)*

*(danças de Egípcios e Egípcias)*

## SEGUNDA MULHER MOURA

Quando o amor arrebatou  
Em que, em que pensais?  
O jovem coração  
Não tem outra emoção  
Senão amar demais.

O amor para prender  
Nos seus doces grilhões  
Tudo sabe fazer,  
Usa mil alçapões.  
Mas tudo quanto ameaça

De prantos e de dores  
Só nos concede a graça  
De querer mais amores.  
Quem teme por amor  
Ama o próprio temor.

#### TERCEIRA MULHER MOURA

Que bom em nossa idade  
Dar a maior ternura  
A quem amor nos jura:  
Mas se ele tem maldade,  
Oh, céus!, que crueldade!

#### QUARTA MULHER MOURA

Quem ama e diz adeus  
Parte mas deixa a dor;  
Leva os carinhos seus,  
Da dor é portador.  
Amantes, por favor,  
Trazei somente amor!

#### SEGUNDA MULHER MOURA

Como então proteger  
Os jovens corações?

#### QUARTA MULHER MOURA

Devemos esconder  
As nossas emoções?

#### TODAS JUNTAS

Amai somente o amor,  
O amor e nada mais,  
No que é arrebatador,  
Nos beijos que ele traz!  
Arrebatai a dor,  
Amor, arrebatador!



*(Segunda entrada de ballet)*

### **Terceiro Ato**

#### **CENA I**

*Beraldo, Argan, Toninha*

**BERALDO**

Então, meu irmão? Que me diz? Tudo isto não vale um pequeno risco?

**TONINHA**

Que risco? Em matéria de amor o patrão não pode arriscar-se! Olhe aí!

**BERALDO**

Vamos conversar?

**ARGAN**

Por favor, meu irmão: já volto já!

**TONINHA**

A bengala, senhor! Sem bengala o senhor não terá onde se segurar!

**ARGAN**

Tem razão!

#### **CENA II**

*Beraldo, Toninha*

**TONINHA**

Senhor, não abandone os interesses de sua sobrinha.

**BERALDO**

Farei tudo para conseguir o que ela deseja.

**TONINHA**

É preciso absolutamente impedir esse casamento que ele encasquetou. Não seria mau chamar aqui um médico de nossa confiança, para afastá-lo desse Doutor Purgon. Mas como não dispomos de nenhum, decidi eu mesma preparar uma peça.

BERALDO

Como?

TONINHA

Uma brincadeira burlesca! Talvez mais divertida do que sensata. Deixe por minha conta. Mas faça o que veio fazer aqui. Aí vem o nosso homem.

### CENA III

*Argan, Beraldo*

BERALDO

Posso pedir-lhe, meu irmão, antes de tudo, que não se irrite durante a nossa conversa?

ARGAN

Muito bem.

BERALDO

E respostas sem rancor a tudo que eu possa dizer?

ARGAN

Sim.

BERALDO

E raciocinarmos juntos sobre o que temos de falar, com o espírito livre de toda paixão?

ARGAN

Sim, que diabo! Acabe com o preâmbulo!

BERALDO

De onde lhe vem a idéia de meter sua filha num convento?

ARGAN

Vem do fato de eu ser dono de minha família e poder fazer com ela o que me parecer melhor!

BERALDO

Sua mulher não se cansa de aconselhar que você se livre de suas filhas; e eu não duvido de que, por espírito religioso, ela se encante de ver as duas como freiras.

ARGAN

Agora chegamos ao ponto. Já está em jogo a minha pobre mulher. É ela quem pratica todo o mal; ninguém gosta dela!

BERALDO

Não, meu caro irmão. Sua mulher tem as melhores intenções para com sua família, e não liga a

qualquer interesse; e lhe dedica uma ternura maravilhosa; e mostra por suas filhas uma afeição e uma bondade inconcebíveis. Tudo isto é certo. Não falemos disto e voltemos a Angélica. Por que quer você entregá-la ao filho desse médico?

ARGAN

Porque quero um genro que me convenha.

BERALDO

Parece até que você quer casar com ele! Pois eu lhe digo; apareceu um melhor partido para sua filha.

ARGAN

Mas o que escolhi é melhor partido para mim.

BERALDO

Mas o marido é para ela ou para você?

ARGAN

Para ela e para mim: quero na família as pessoas de que preciso.

BERALDO

E por isso se Luizinha fosse mais crescida, você lhe arranjará um farmacêutico?

ARGAN

Por que não?

BERALDO

Será que você estará sempre enrabichado pelos seus doutores e farmacêuticos, e deseja ser doente a ponto de contrariar a natureza?

ARGAN

Que é que você acha, meu irmão?

BERALDO

Não vejo ninguém menos doente do que você; eu gostaria de ter a sua saúde! Uma grande prova de que você se sente bem e tem uma resistência incrível, é que todos esses clisteres não conseguiram derrubá-lo e você consegue ficar em pé depois de tantas inundações.

ARGAN

Mas são estas coisas que me conservam! O Doutor Purgon afirma: eu morrerei se passar três dias sem sua assistência!

BERALDO

Se você não tomar cuidado, ele lhe dará tanta assistência que o enviará ao outro mundo.

ARGAN

Vamos lá: raciocinemos, meu irmão. Você não acredita na medicina?

BERALDO

Não, meu irmão: e não vejo necessidade de crer para ter saúde.

ARGAN

O quê? Você não acha verdadeira uma coisa estabelecida por todos e por todos os séculos reverenciada?

BERALDO

Muito ao contrário, cá entre nós, acho-a uma das maiores loucuras dos homens; e, contemplando as coisas como filósofo, não vejo palhaçada mais divertida, nada de mais ridículo, que um homem a querer curar outro.

ARGAN

Por que, meu irmão, você não quer aceitar que um homem possa curar outro?

BERALDO

Por um simples fato; as peças de nossa máquina são mistérios; até hoje os homens não entendem patavina destas coisas; e a natureza colocou véus demasiado espessos, diante dos nossos olhos, para que possamos enxergar alguma coisa.

ARGAN

Na sua *opinião*, os médicos não sabem nada?

BERALDO

Sabem grande quantidade de humanidades, sabem falar em belo latim, sabem batizar em grego todas as doenças, defini-las e classificá-las; mas, quando se trata de curar não sabem nada de nada.

ARGAN

Mas pelo menos vamos convir: nessa matéria, os médicos sabem mais que os outros.

BERALDO

Sabem o que eu já disse e que não cura grande coisa; e toda a excelência de sua arte e uma pomposa parlapatice, um especioso dialeto, a oferecer palavras como razões e promessas como efeitos.

ARGAN

Mas, meu irmão: há pessoas tão sensatas e hábeis quanto você, e essas pessoas, quando adoecem, chamam médicos.

BERALDO

Aí está uma marca da fraqueza humana, e não uma verdade da arte médica.

ARGAN

Mas os médicos certamente crêem na verdade de sua arte. Pois se servem dela para si mesmos.

BERALDO

É que há entre eles os que estão, eles próprios, atolados no erro popular, de onde tiram proveito: e outros que aproveitam sem acreditar no erro. Veja o Doutor Purgon, por exemplo, homem sem a menor finura: é médico, da cabeça aos pés; um homem que crê nas suas regras mais do que em todas as demonstrações matemáticas, e julgaria crime examiná-las: não vê nada de obscuro na medicina, nada de duvidoso, nada de difícil: e, com uma impetuosidade de prevenção, uma confiança cega, uma total brutalidade de senso comum e de razão, sai por aí a

dar lavagens e sangrias! Não devemos querer mal a ele por tudo quanto deseja fazer por você: é com a melhor boa-fé do mundo que irá mandá-lo para o outro mundo. Quando o matar, terá feito com você o que fez com a mulher e os filhos e o que acabará fazendo com ele mesmo.

ARGAN

Você tem é implicância com ele! Mas vamos ao fato: que devemos fazer quando adoecemos?

BERALDO

Nada.

ARGAN

Nada?

BERALDO

Nada. Nada de ficar em repouso. Quando deixamos agir a natureza, ela se safa docemente da desordem em que caiu. É a nossa inquietude, a nossa impaciência que estragam tudo; e quase todos os homens morrem dos seus remédios, não de suas doenças.

ARGAN

Mas é preciso concordar, meu irmão: pode-se ajudar a natureza por certos meios.

BERALDO

Santo Deus! Estas são idéias que gostamos de cultivar; em todos os tempos, surgem entre os homens belas fantasias em que acabamos acreditando, porque é agradável imaginá-las verdadeiras. Quando um médico fala de ajudar, de socorrer, de aliviar, de arrancar da natureza o que a aflige e de lhe dar o que lhe falta, de restabelecê-la no pleno gozo de suas funções, quando fala de corrigir o sangue, de temperar as entranhas e o cérebro, de esvaziar as glândulas, de sossegar o peito, de consertar o fígado, de fortificar o coração, de restabelecer e conservar o calor natural, e de ter segredos para prolongar a vida, está falando justamente do romance da medicina. Mas quando se vai à verdade da experiência, não se encontra nada disto: tudo é como os belos sonhos, que ao despertar nos deixam apenas a tristeza de ter acreditado neles.

ARGAN

Muito bem! Toda a ciência do mundo está guardada na sua cabeça! E você sabe mais que todos os grandes médicos do século!

BERALDO

Nos discursos e na ação, são pessoas diferentes esses seus grandes médicos: quando falam, são os mais hábeis do mundo; quando agem, são os mais ignorantes dos homens.

ARGAN

Ah! Pelo que vejo, você é um grande doutor, e eu gostaria que aqui estivesse algum desses senhores, para revidar seus raciocínios e baixar o seu topete.

BERALDO

Não me atribuo a tarefa de combater a medicina, meu irmão; cada um corra o risco de crer no que quiser. O que eu digo é entre nós; e eu gostaria de levá-lo, para divertir-se sobre o assunto, a ver alguma das comédias de Molière.

ARGAN

Aí está um bom impertinente, esse Molière, com suas comédias! E não deixa de ser um gaiato, quando zomba de gente honesta como os médicos!

BERALDO

Não é dos médicos que ele zomba: é do ridículo da medicina.

ARGAN

Fica-lhe muito bem meter-se a controlar a medicina! Aí está um belo João-ninguém, a zombar de consultas e receitas, a atacar a corporação dos médicos, a exhibir no teatro pessoas verdadeiras como os doutores!

BERALDO

Que é que você quer que ele exhiba? Todas as profissões? Aí se exibem também todos os dias os príncipes e os reis, gente tão decente quanto os médicos.

ARGAN

Com mil demônios! Se eu fosse médico, me vingaria de sua impertinência! E quando adoecer, deixem morrer sem socorro esse senhor Molière! Eu o deixaria falando sozinho, não lhe receitaria a menor sangria, o menor clister! E lhe diria: morra, morra! Isto te ensinará a zombar da Faculdade!

BERALDO

Que cólera contra ele!

ARGAN

Estou com raiva, sim! É um tolo! E se os médicos têm juízo, farão o que eu digo!

BERALDO

Terá mais juízo do que os seus médicos, porque não lhes pedirá socorro.

ARGAN

Pior para ele, se não usa remédios.

BERALDO

Para isto tem suas razões; e sustenta que só os robustos e vigorosos podem fazê-lo, suportando os remédios e ao mesmo tempo a doença; quanto a ele, diz que só tem forças para carregar seu próprio mal.

ARGAN

Que razões tolas! Chega de falar desse homem: isto me esquenta a bÍlis e me faz piorar.

BERALDO

Para mudar de assunto, quero dizer-lhe: você não deve mandar sua filha para um convento pelo fato de ela mostrar suas pequenas repugnâncias. Para a escolha de um genro, não se deve seguir cegamente a paixão que o arrebatava. Neste assunto, deve-se procurar atender um pouco às inclinações da jovem. Trata-se de uma escolha para toda a vida, e dela depende a felicidade do casamento.

## CENA IV

*Florindo (com uma seringa na mão), Argan, Beraldo*

ARGAN

Ah, meu irmão, com sua licença!

BERALDO

Que é que você vai fazer?

ARGAN

Tomar essa lavagenzinha. É rápida.

BERALDO

Será que você não pode passar um momento sem lavagem e sem remédio? Deixe isto para outra ocasião e trate de repousar um pouco.

ARGAN

Doutor, hoje de tarde ou amanhã de manhã.

FLORINDO

Que é que o senhor tem que se meter com as receitas médicas e impedir o clister do prezado senhor? É o cúmulo da ousadia!

BERALDO

Vamos, doutor! Enfie o seu clisterzinho onde bem lhe agradar.

FLORINDO

Não se deve zombar assim dos remédios e fazer perder meu tempo. Estou aqui para cumprir uma receita; e vou dizer ao Doutor Purgon que fui impedido de cumprir o meu dever. O senhor vai ver!

## CENA V

*Argan, Beraldo*

ARGAN

Meu irmão, você vai causar aqui uma infelicidade.

BERALDO

Que grande infelicidade há em não tomar o clister do Doutor Purgon? Será possível que não haja um meio de curá-lo da doença dos médicos, e você queira ficar o resto da vida alimentado de clísteres?

ARGAN

Meu irmão, você fala como um homem saudável; mas, se estivesse no meu lugar, mudaria de linguagem. É fácil falar contra a medicina quando se está bem de saúde,

BERALDO

Mas qual é a sua doença?

ARGAN

Você me leva ao desespero! Eu queria que você se sentisse tão mal quanto eu! Ah, aí está o Doutor Purgon.

## CENA VI

*Purgon, Argan, Beraldo, Belinha*

PURGON

Acabo de ter belas notícias, aí à porta: que aqui se zomba de minhas receitas e se recusam os remédios prescritos.

ARGAN

Doutor, não é. . .

PURGON

É uma grande ousadia! Uma estranha rebelião do doente contra o médico!

TONINHA

É espantoso!

PURGON

Um clister que tive o prazer de inventar!

ARGAN

Não fui eu. . .

PURGON

Eu o inventei e preparei com todas as regras da arte!

TONINHA

Que bela arte!

PURGON

Esse clister iria produzir em suas entranhas um efeito maravilhoso!

ARGAN

Meu irmão...

PURGON

Recusar um clister de minha autoria!



ARGAN (*mostrando Beraldo*)

Foi ele...

PURGON

É uma ação exorbitante!

TONINHA

Com efeito!

PURGON

Um atentado contra a medicina!

ARGAN (*indicando Beraldo*)

Foi ele quem. . .

PURGON

Um crime de lesa-faculdade, para o qual não há castigo que baste!

TONINHA

Tem razão.

PURGON

As nossas relações estão rompidas!

ARGAN

Foi meu irmão...

PURGON

Não há mais qualquer aliança entre nós!

TONINHA

Faz muito bem!

PURGON

E para mostrar que nada mais há entre nós, aqui está a doação que eu tinha feito ao meu sobrinho, em favor do seu casamento! (*rasga a doação e atira os pedaços de papel com furor*)

ARGAN

Foi meu irmão quem causou todo o mal!

PURGON

Desprezar meu clister!

ARGAN

Faça-o vir, eu o tomarei.

PURGON

Eu o teria curado, antes que fosse tarde!

TONINHA

Ele não merece.

PURGON

Eu ia limpar o seu corpo e fazê-lo evacuar os maus humores.

ARGAN

Ah, meu irmão!

PURGON

Bastaria uma dúzia deles para esvaziar o fundo do saco!

TONINHA

Ele é indigno de seus cuidados.

PURGON

Mas, já que o senhor não quis ser curado por minhas mãos...

ARGAN

A culpa não foi minha!

PURGON

E já que o senhor foge à obediência devida ao seu médico...

TONINHA

Isto clama por vingança!

PURGON

E como o senhor se declarou rebelde aos remédios por mim receitados. . .

ARGAN

Absolutamente!

PURGON

Eu o abandono à sua má constituição, à irregularidade das suas tripas, à corrupção do seu sangue, ao azedume de sua bÍlis e à flatulência de seus flatos!

TONINHA

Bem feito!

ARGAN

Meu Deus!

PURGON

E lhe digo: dentro de quatro dias o seu mal será incurável!

ARGAN

Ah, misericórdia!

PURGON

A sua digestão será lentíssima!

ARGAN  
Doutor Purgon!

PURGON  
O senhor cairá na bradipepsia, na dispepsia e na aepsia!

ARGAN  
Doutor Purgon!

PURGON  
Na aepsia e na lienteria!

ARGAN  
Doutor Purgon!

PURGON  
Da lienteria à disenteria!

ARGAN  
Doutor Purgon!

PURGON  
Da disenteria na hidropisia!

ARGAN  
Doutor Purgon!

PURGON  
Da hidropisia à enfermaria, da enfermaria à catacumba!

### **CENA VII**

*Argan, Beraldo*

ARGAN  
Ah, meu Deus! Estou morto! Ah, meu irmão, você me perdeu!

BERALDO  
Vamos! Que foi?

ARGAN  
Não posso mais! É a vingança da medicina!

BERALDO  
Com franqueza, meu irmão, você está é louco! Não gostaria que ninguém o visse fazer o que você faz! Apalpe-se um pouco, volte à calma, volte a si, não se entregue à imaginação!

ARGAN  
Você ouviu, irmão, as estranhas enfermidades com que me ameaçou?

BERALDO

Como você é simplório!

ARGAN

Disse que eu serei incurável dentro de quatro dias!

BERALDO

E isto tem alguma importância? Será ele um oráculo? Quando escuto você, parece que o Doutor Purgon tem nas mãos o fio dos seus dias e, com suprema autoridade levanta-o e deita-o, como quiser! Os princípios de sua vida, meu irmão, estão em você mesmo; e a cólera do Doutor Purgon é tão incapaz de matá-lo quanto seus remédios são incapazes de curá-lo. Esta aventura servirá, se você quiser, para livrá-lo dos médicos; ou, se você nasceu para não poder passar sem eles, basta procurar outro, com o qual você corra menos risco.

ARGAN

Ah, meu irmão! Ele me conhece completamente e comanda até as minhas dores de barriga!

BERALDO

Francamente, você tem grande prevenção e vê as coisas com olhos estranhos!

### CENA VIII

*Argan, Beraldo, Toninha*

TONINHA

Senhor, está aí um médico que deseja vê-lo.

ARGAN

Que médico?

TONINHA

Um médico de medicina.

ARGAN

Como se chama?

TONINHA

Não o conheço, nunca o vi mais gordo.

ARGAN

Faça-o entrar.

### CENA IX

*Argan, Beraldo*

BERALDO

Você está bem servido! Mal sai um médico, chega outro!

ARGAN

Receio que você tenha causado alguma desgraça.

BERALDO

Outra vez?

ARGAN

Tenho comigo todas as doenças desconhecidas e. . .

## CENA X

*Argan, Beraldo, Toninha (vestida de médica)*

TONINHA

Meu caro senhor, permita que eu lhe faça uma visita e lhe ofereça os meus serviços, para todas as lavagens e purgantes de que precise.

ARGAN

Muitíssimo obrigado, doutor. (*à parte*) Eu já vi esse doutor em algum lugar!

TONINHA

O senhor não imagina a minha curiosidade de conhecer um doente tão ilustre. A sua reputação é a causa da liberdade que tomei.

ARGAN

Estou às suas ordens, doutor.

TONINHA

O senhor me olha fixamente. Que idade pensa que eu tenho?

ARGAN

Uns vinte e seis, vinte e sete anos.

TONINHA

Ah! Ah! Ah! Ah! Noventa!

ARGAN

Noventa anos?!

TONINHA

Este é o efeito de um dos segredos de minha arte, que me conserva assim jovem e vigoroso.

ARGAN

Palavra de honra, que velhinho jovem!

TONINHA

Sou médico ambulante, de cidade em cidade, de província em província, de reino em reino, à

procura de doentes dignos de meus conhecimentos, nos quais eu seja capaz de aplicar os grandes e belos segredos da medicina. Eu desdenho o divertimento com doenzinhas ordinárias, bagatelas de reumatismos e de fluxos, febrezinhas, vapores e dores de cabeça. Quero doenças de importância, boas febres contínuas com emanações para o cérebro, boas febres purpúricas, belas pestes, boas hidropisias desenvolvidas, boas pleuritis com inflamações do peito. É aí que me divirto, é aí que eu triunfo! E eu gostaria, meu caro senhor, que o senhor tivesse todas essas doenças e já tivesse sido enganado por todos os médicos, abandonado, desesperado, em plena agonia, para lhe mostrar a excelência dos meus remédios e o desejo de lhe prestar serviço.

ARGAN

Muito agradeço todas as suas bondades.

TONINHA

Dê-me o seu pulso. Vamos ver se bate como deve. Vai ver como vou curá-lo! Ai! O seu pulso faz-se de impertinente; não me conhece bem ainda. Quem é o seu médico?

ARGAN

O Doutor Purgon.

TONINHA

Esse nome não consta das listas dos grandes médicos. Qual a doença que ele descobriu no senhor?

ARGAN

Ele diz que é do fígado, outros dizem que é do baço.

TONINHA

Que ignorantes! O senhor está doente do pulmão!

ARGAN

Do pulmão?

TONINHA

Exatamente. Que é que o senhor sente?

ARGAN

Dores de cabeça, de vez em quando.

TONINHA

Justamente: é o pulmão.

ARGAN

Às vezes me parece ter um véu diante dos olhos.

TONINHA

É o pulmão.

ARGAN

Às vezes uma lassitude nos membros.

TONINHA  
Pulmão.

ARGAN  
E às vezes umas dores de barriga, como se fossem cólicas.

TONINHA  
Pulmão. O senhor tem apetite?

ARGAN  
Tenho.

TONINHA  
Pulmão! Gosta de tomar um pouco de vinho?

ARGAN  
No almoço e no jantar.

TONINHA  
É o pulmão. Depois de comer sente um pouco de sono, tem vontade de dormir?

ARGAN  
Justamente!

TONINHA  
É pulmão, é pulmão, estou certo! Que é que o seu médico mandou tomar como alimento?

ARGAN  
Sopa.

TONINHA  
Ignorante!

ARGAN  
Galinha.

TONINHA  
Ignorante!

ARGAN  
Vitela.

TONINHA  
Ignorante!

ARGAN  
Caldos.

TONINHA  
Ignorante!

ARGAN  
Ovos frescos.

TONINHA  
Ignorante!

ARGAN  
E recomendou vinho bem aguado.

TONINHA  
*Ignorantus, ignoranta, ignorantum.* O senhor deve beber o seu vinho puro; e para engrossar o seu sangue, bastante sutil, deve comer muita carne de vaca, muito porco, muito queijo holandês; muita papa de aveia, arroz, castanhas, pastas, para colar e aglutinar. O seu médico é uma besta. Vou mandar-lhe outro, de minha confiança; e virei vê-lo de tempos em tempos, enquanto estiver na cidade.

ARGAN  
Eu lhe fico extremamente agradecido.

TONINHA  
Que diabo faz o senhor com esse braço?

ARGAN  
Como?

TONINHA  
Se eu fosse o senhor, mandava cortar esse braço imediatamente.

ARGAN  
Por quê?

TONINHA  
O senhor não vê que ele puxa para si todo o alimento, e impede este seu lado de se nutrir?

ARGAN  
Sim, mas eu preciso de meu braço.

TONINHA  
O senhor tem também um olho que, no seu lugar, eu furaria.

ARGAN  
Furar meu olho?

TONINHA  
O senhor não vê que ele atrapalha o outro e lhe furta o alimento? Creia-me: mande furar imediatamente o olho direito, e o senhor passará a ver muito melhor com o esquerdo.

ARGAN  
Mas isto não é urgente!



TONINHA

Passa bem. Lamento ter de deixá-lo mas devo comparecer a uma grande consulta que se fará para um homem morto ontem.

ARGAN

Para um homem morto ontem?

TONINHA

Sim, para se saber o que deveria ter sido feito para curá-lo. Passa bem.

ARGAN

O senhor sabe, os doentes não acompanham o médico à porta.

## CENA XI

*Argan, Beraldo*

BERALDO

Este, sim, é um médico! Que habilidade!

ARGAN

É, mas vai um pouco depressa...

BERALDO

Todos os grandes médicos são assim.

ARGAN

Cortar meu braço, furar meu olho para que o outro passe melhor? Prefiro que não se porte tão bem! Que bela operação, para me deixar caolho e maneta!

## CENA XII

*Argan, Beraldo, Toninha*

TONINHA ( *fingindo falar para fora* )

Ora passa muito bem! Não tenho nenhum desejo de rir!

ARGAN

Que foi?

TONINHA

O seu médico, que queria apalpar meu pulso!

ARGAN

Ora veja! Com noventa anos de idade!

BERALDO

Ora vamos, meu irmão! Já que o Doutor Purgon ficou zangado com você, vamos falar agora do partido que tenho para minha sobrinha?

ARGAN

Não, meu irmão: vou trancá-la num convento,. porque se opôs aos meus desejos. Vejo bem que há qualquer amorico no meio disto, e descobri que houve uma entrevista secreta...

BERALDO

Ora, meu irmão! Quando há uma pequena inclinação, você acha que tais coisas são criminosas? Será que tudo o ofende, quando tudo se encaminha honestamente para o casamento?

ARGAN

Vai ser freira, está resolvido e acabou-se.

BERALDO

*Com isto você quer agradar a alguém!*

ARGAN

Compreendo. Você volta ao assunto. Você não suporta minha mulher.

BERALDO

Pois bem, é isto mesmo! Já que é preciso falar com o coração aberto, é de sua mulher que eu quero falar; não mais das suas teimosias com a medicina, mas da teimosia com que você se entrega, de cabeça baixa, a todas as armadilhas de sua excelentíssima!

ARGAN

Pergunte pelas carícias que ela me faz.

TONINHA

Isto *é* verdade.

ARGAN

E pela inquietação que minha doença lhe dá.

TONINHA

Enorme!

ARGAN

E pelos cuidados comigo. . .

TONINHA

É verdade (*a Beraldo*) O senhor quer que eu o convença e lhe faça ver o quanto madame gosta do meu patrão? (*a Argon*) Permita-me senhor, fazer-lhe uma pequena demonstração.

ARGAN

Como?

TONINHA

A senhora está para chegar. Meta-se dentro daquela cadeira e finja-se de morto. Verá a sua dor quando souber da notícia.

ARGAN

Quero ver.

TONINHA

Mas não a deixe muito tempo entregue ao seu desespero, pois ela poderá morrer!

ARGAN

Vamos ver. . .

TONINHA (*a Beraldo*)

Esconda-se naquele canto.

## CENA XII

*Argan, Toninha*

ARGAN

Não haverá algum perigo em fingir de morto?

TONINHA

Não, não. Que perigo? Fique aí estendido. (*baixo*) O senhor ficará contente de enganá-la. Aí vem a senhora. Fique quieto.

## CENA XIII

*Belinha, Argan (deitado na cadeira), Toninha*

TONINHA (*fingindo não ver Belinha*)

Ah, meu Deus! Ah, que desgraça! Ah, que estranho acidente!

BELINHA

Que foi, Toninha?

TONINHA

Ah, madame!

BELINHA

Que é que houve?

TONINHA

Seu marido morreu!

BELINHA

Meu marido morreu?

TONINHA

Ai, ai! O pobre defunto bateu a bota!

BELINHA

Tem certeza?

TONINHA

Tenho certeza! Ninguém sabe ainda! Eu o acudi, sozinha! Ele acaba de morrer nos meus braços! Lá está, estirado na cadeira!

BELINHA

Louvado seja Deus! Estou livre de um pesado fardo! Como você é tola! Não se aflija com essa morte!

TONINHA

Pensei que nós devíamos chorar.

BELINHA

Vamos, vamos, não vale a pena! Que é que se perdeu? Pra que servia ele na terra? Um homem incômodo para todos, sujo, desagradável sempre a tomar purgantes e lavagens, sempre assoando o nariz, sempre tossindo, sempre escarrando! Sem espírito, aborrecido, de mau humor, fatigando constantemente os outros, e ralhando sempre com os criados e serventes!

TONINHA

Bela oração fúnebre!

BELINHA

Preciso que você me ajude a executar meus desejos. E você pode crer que, se me ajudar, terá recompensa assegurada. Já que, por felicidade, ninguém sabe de nada, vamos metê-lo na cama e esconder o acidente, até eu ter meu negócio acertado. Há aí papéis e dinheiro que preciso encontrar. Não é justo que eu tenha passado em vão a seu lado os meus mais belos anos. Venha, Toninha: tratemos de apanhar as chaves, antes de tudo.

ARGAN (*levantando-se*)

Vamos devagar!

BELINHA

Ai!

ARGAN

Sim senhora, senhora minha esposa, é assim que senhora me ama!?

TONINHA

Ai, o defunto não morreu!

ARGAN (*a Belinha, que sai*)

Muito me alegrou conhecer a sua amizade e ouvir o lindo necrológio! Ficou a lição, que me impedirá de fazer muitas coisas no futuro!

## CENA XIV

*Beraldo (saindo do seu esconderijo), Argan, Toninha*

BERALDO

Você bem viu, meu irmão!

TONINHA

Palavra, nunca seria capaz de acreditar! Mas aí vem sua filha! Fique como estava e vejamos como receberá a notícia de sua morte. Não custa experimentar, o senhor conhecerá os sentimentos da família.

*(Beraldo se esconde)*

## CENA XV

*Argan, Toninha, Angélica*

TONINHA *(fingindo não ter visto Angélica)*

Ah, meu Deus! Que desgraça! Que dia amaldiçoado!

ANGÉLICA

Que foi, Toninha? Por que está chorando?

TONINHA

Ah, tenho uma notícia tristíssima para lhe dar!

ANGÉLICA

Qual?

TONINHA

Seu papai morreu!

*(mas aponta para Argan e mostra que não é verdade, fazendo sinal com o dedo)*

ANGÉLICA

Papai morreu!

*(mas vê o gesto)*

TONINHA

Lá está ele, acaba de morrer, duma fraqueza que o esvaziou todo!

ANGÉLICA

Ah, que desgraça! Oh, céu! Ah, que horror, perder meu pai, tudo que me restava no mundo, e perdê-lo justamente quando estava zangado comigo! Oh, que será de mim? Que será desta pobre infeliz? E que consolo posso encontrar para uma perda tão grande?

## CENA XVI

*Argan, Angélica, Cleanto, Toninha*

CLEANTO

Que foi, bela Angélica? Qual a desgraça que a faz chorar?

ANGÉLICA (*sinais para que Cleanto compreenda*)

Ai, choro por tudo que poderia perder de mais caro na vida, de mais precioso! Choro a morte de meu pai! (*sinais de desmentido*)

CLEANTO (*compreendendo*)

Oh, céus! Que golpe fatal e inopinado! Ah! Depois do pedido que fiz a seu tio, para falar com ele e interceder por mim, venho eu mesmo apresentar-lhe os meus respeitos e convencê-lo com as minhas súplicas e, oh!

ANGÉLICA

Ah, Cleanto. não falemos mais! Não falemos de casamento! Depois de perder meu pai, não quero mais pertencer a este mundo! Renuncio a tudo! Sim, meu pai! Resistí tanto às suas vontades que agora quero obedecer ao menos as suas intenções! Quero com isto reparar a tristeza que lhe dei! (*de joelhos*) Juro, meu pai, vou cumprir a sua palavra, vou para um convento! Receba o meu beijo como testemunho do meu remorso!

ARGAN (*abraçando Angélica*)

Ah, minha filha!

ANGÉLICA

Ai, o morto ressuscitou!

ARGAN

Venha, não tenha medo! Não estou morto! Você é de meu verdadeiro sangue, é minha verdadeira filha! Estou encantado de ter visto a sua bondade e o seu amor!

## CENA XVII

*Argan, Beraldo, Angélica, Cleanto, Toninha*

ANGÉLICA

Ah, que surpresa agradável! Meu pai, já que, por infinita bondade do céu, ele restitui meu pai, deixe que eu me lance a seus pés para suplicar uma coisa! Se o senhor não é favorável aos desejos do meu cavação se o senhor me recusa Cleanto, peço-lhe que não me force a me casar com ninguém mais! É tudo quanto eu suplico!

CLEANTO (*lançando-se aos joelhos de Argan*)

Ah. senhor, deixe-me juntar minhas preces às de sua filha! Não se oponha aos mútuos sentimentos que nos unem!

BERALDO

Meu irmão, será que você resiste a tanta gente ajoelhada? (*ajoelha-se*)

TONINHA

Ah, senhor, será o senhor insensível a tanto amor? (*ajoelha-se*)

ARGAN

Se ele se tornar médico, eu consinto! (*a Cleanto*) Sim, faça-se médico e lhe dou minha filha!

CLEANTO

De muito bom grado. Se for preciso ser médico para me casar com sua filha, vou ser médico, farmacêutico, tudo que o senhor quiser. Muito mais eu faria para desposar a bela Angélica.

BERALDO

Mas agora me vem uma idéia, meu irmão: por que você mesmo não se torna médico? Você juntará numa só pessoa o útil ao agradável, o doente e o doutor!

ARGAN

Acho que você zomba de mim. Estou lá em idade de estudar?!

BERALDO

Estudar, estudar . . . Você sabe muito; e muitos médicos não sabem o que você sabe.

ARGAN

Mas é preciso aprender latim, as doenças, os remédios. como aplicá-los. . .

BERALDO

Com o traje e o chapéu de médico, você aprenderá tudo isto! É mais hábil do que imagina!

ARGAN

Então só se sabe falar de doenças quando se veste traje de médico?

BERALDO

Com o traje e o boné, toda a parolagem é sábia, toda a tolice é verdade.

TONINHA

Quando se tem uma barba como a sua, já se tem muito! Metade da medicina está na barba!

CLEANTO

De qualquer modo, estou pronto para tudo!

BERALDO (*a Argan*)

Quer a coisa para já?

ARGAN

Como para já?

BERALDO

E aqui mesmo, na sua casa!

ARGAN

Na minha casa?

BERALDO

Conheço uma Faculdade, de amigas minhas, que lhe dará o grau de doutor em cerimônia nesta sala! De graça!

ARGAN

Mas que posso dizer a isto? Que posso responder?

BERALDO

Você será rapidamente ensaiado, receberá o juramento de Hipócrates para ler em voz alta e pronto! Tudo que tem a fazer é vestir uma roupa decente. Vamos, depressa!

ARGAN

Depressa!

### CENA XVIII

*Beraldo, Angélica, Toninha, Cleanto*

CLEANTO

Que quer dizer? Que é isto de faculdade de suas amigas?

TONINHA

Qual a sua intenção?

BERALDO

Oh, quero apenas divertir vocês! Os comediantes compuseram um pequeno entremez da colação de grau dum médico, com danças e música. Vamos tomar parte no divertimento colocando meu irmão como primeiro personagem.

ANGÉLICA

Titio, parece que você está zombando demais de papai!

BERALDO

Não se trata de zombar, trata-se de tomar parte nas suas fantasias. Cada um de nós pode ser também personagem, e assim nos oferecemos a comédia uns aos outros. Vamos preparar tudo!

CLEANTO (*a Angélica*)

Vosmecê quer?

ANGÉLICA

Pois se é seu tio que nos leva!

### Terceiro Entremez

*É uma cerimônia burlesca de urna colação de grau de médico. Prepara-se a sala, com bancos trazidos em cadência. Em seguida vem a assembléia, composta de oito porta-seringas, seis farmacêuticos, vinte e dois doutores, mais aquele que vai colar grau (Argan), oito cirurgiões dançarinos e dois cantores. Todos entram, tomam seus lugares.*

*(primeira entrada de ballet)*

PRAESES



Savantissimi doctores  
Medicinae professores.  
Qui hic assemblati estis;  
Et vos, altri messiores,  
Sententiarum Facultatis  
Fideles executores.  
Cirurgiani et apothicari  
Atque tota compania,  
Salus, honor et argentum  
Atque bonum appetitum.

Non possum, docti confreri,  
In me satis admirari  
Qualis bona inventio  
Est medici professio;  
Quam bella chosa est et bebe trovata  
Medicina illa benedicta,  
Quae, suo nomine solo,  
Surprenanti miraculo,  
De post tan longo tempore  
Facit à gogo vivere  
Personnae ogni genere.

Per totam terram videmus  
Grandam vogam ubi sumus;  
Et quod grandes et parvus  
Sunt de nobis infamtuti.  
Totus mundos currens ad nostros remedio  
Nos regardat sicut deos;  
Et nostris ordonnanciis  
Principes et reges submissos videtis.  
Ergo est nostrae sapientiae,  
Boni senso atque prudentiae  
De multi multi laborare  
A nos bene conservare  
In tali credito, voga et honore;  
Et prendere guardam a non receive  
In nostro docto corpore  
Quam personas capabiles  
Et totas dignas cumulare  
Positiones honorabiles.

Ergo nunc convocati estis  
Et credo quod trovabitis  
Dignam materiam medici  
In savanti homini praesens;  
Cujos in causam omnibus,  
Dono ad interrogandum,  
Et de profundis examinandum  
Vostriis capacitatibus.

## PRIMUS DOCTOR

Si mihi licentiam dat dominus praeses,  
Et tanti docti doctores,  
Et assistantes illustres  
Sapientissimi bacheliero,  
Quam estimo et honoro,  
Demandabo causam et rationem quare  
Opium facit dormire.

## BACHELIERUS

Mihi a docto doctore  
Demandatur causam et rationem quare  
Opium facit dormire,  
Ergo respondeo  
Quia est in eo  
Vertus dormitiva  
Cujus est natura  
Sensus assopire.

## CHORUS

Bene, bene, bene respondere.  
Dignus, dignus est intrare  
In nostro docto corpore.  
Bene, bene respondere.

## SECUNDUS DOCTOR

Cum permissione domini praesidis,  
Doctissimae Facultatis,  
Et totus his nostris actis  
Companiae assistantis,  
Demandabo tibi, docte bacheliere,  
Quae sunt remedia —  
Tam in homine quam in muliere —  
Quae, in maladia  
Dite hydropisia —  
In malo caduco, apoplexia, convultione et paralyasia —  
Convenit facere.

## BACHELIERUS

Clysterium donare,  
Postea seignare,  
Postea purgare.

#### CHORUS

Bene, bene, bene respondere,  
Dignus, dignus est intrare  
In nostro docto corpore.

#### TERTIUS DOCTOR

Si bonum semblatur domino praesidi,  
Doctissimae Facultati,  
Et companiae audianti,  
Demandabo tibi, docte bacheliere,  
Quae remedia eticis,  
Pulmonicis arque asthmaticis  
Credis bono facere.

#### BACHELIERUS

Clysterium donare,  
Postea seignare,  
Postea purgare.

#### CHORUS

Bene, bene, bene respondere  
Dignus, dignus est intrare  
In nostro docto corpore

#### QUARTUS DOCTOR

Super illas maladias  
Dominus bacharelius dixit maravillas;  
Sed, si tedium non causo doctissimam facultatem  
Et totam companiam honorabilem,  
Tam corporaliter quam mentaliter hic praesentem,  
Faciam illi unam questionem:  
De hiero malatos unus  
Tombavit ia meas manus,  
Homo qualitatis dives qualis Cresus.  
Habet grandam fievram cum reduplicamentis,  
Grandarn doloris capitis,  
Cum perturbatio spiriti et laxamento ventris;  
Grandum insuper malum lateralis,

Cum granda difficultate  
Et pena a flatulentiare,  
Dica me, docte,  
Docte bacheliere,  
Quid illi facere.

#### BACHELIERUS

Clysterium donare,  
Postea seignare,  
Postea purgare.

#### CHORUS

Bene, bene, bene, bene respondere.  
Dignus, dignos est intrare  
In nostro docto corpore.

#### IDEM DOCTOR

Se si enfirmitatis  
Oponiatria  
Non vult guarire.  
Quid ille facere?

#### BACHELIERUS

Clysterium donare,  
Postea seignare,  
Postea purgare.  
Reseignare, purgare, reclysterisare.

#### CHORUS

Bene, bene, bene, bene respondere.  
Dignus, dignus est intrare  
In nostro docto corpore.

#### PRAESES

Juras guardare statuta  
Per Facultatem praescripta  
Cum sensu et iudicamentum?

#### BACHELIERUS

Juro.

PRAESES

Essere in omnibus  
Consultationibus  
Ancieni aviso,  
Aut bono,  
Aut malus!

BACHELIERUS

Juro.

PRAESES

De nunc te servire  
De remedis anodinus  
Sedunicus almae Facultatis,  
Infirmo deve morire  
Et morire de suo malo?

BACHELIERUS

Juro.

PRAESES

Ego, cum isto boneto  
Venerabili et docto,  
Dono tibi et concedo  
Virtutem et potentiam  
    Medicandi,  
Purgandi,  
Sanguinandi,  
Perfurandi,  
Decepandi,  
Clysterisandi,  
Et matandi  
Impune per totam terram.

*(segunda entrada de ballet)*

*(Todos os cirurgiões e farmacêuticos vêm fazer-lhe reverência)*

BACHELIERUS

Grandes doctores doctrinae  
De rhubarba et de nox vomica  
Será per mihi coisa louca  
Inepta et ridicula  
Si vado iniciare  
Vobis laudares donare  
Et tolices ajuntare  
A qualis vos dicerunt,  
Pro toto remercimento  
Rendam gratias corpori tam docto.  
Vobis, vobis debeo  
Plus quam patri meo;  
Natura et pater meus  
Hominem me habent factum;  
Sed vos me avetis factum medicum:  
Honor, favor et gratia  
Per omnia secula seculorum!

#### CHORUS

Vivat, vivat, vivat, deinde centurn vivat,  
Novus doctor, optime parlamentum!  
Mille, mille annis vivat,  
Et podes matare!

*(terceira entrada de ballet)*

#### CHIRURGUS

Possamus videre doctas  
Suas ordonnancias  
Omnium chirurgorum  
Et apothicarum  
Colmare bouticas!

#### CHORUS

Vivat, vivat, vivat, centum vivat,  
Novus doctor Qui bene parlat,  
Mille annus, fortuna facit  
Et mata tuo proximo!

Possant toti anni  
Esseri boni  
Et remunerabiles  
Et habere semper  
Pestas et verolas,

Febres, pleurisas,  
Largas epidemias,  
Fluxus desynterias!

Vivat, vivat, vivat, centum vivat! – etc.

*(quarta entrada de ballet)*

*(Os médicos, cirurgiões e farmacêuticos saem na ordem em que entraram.)*

**F I M**